

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**LEONARDO HENRIQUE DE PAIVA ALMEIDA**

**APORTES DA FENOMENOLOGIA À ANÁLISE SOCIOESPACIAL:  
UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS**

**2018**

**LEONARDO HENRIQUE DE PAIVA ALMEIDA**

**APORTES DA FENOMENOLOGIA À ANÁLISE SOCIOESPACIAL:  
UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Jeferson Boechat Soares (DCS - UFV)

Coorientador: Prof. Dr. Ulysses da Cunha Baggio (DGE – UFV)

**VIÇOSA – MINAS GERAIS**

**2018**

**LEONARDO HENRIQUE DE PAIVA ALMEIDA**

**APORTES DA FENOMENOLOGIA À ANÁLISE SÓCIO-ESPACIAL:  
UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Jeferson Boechat Soares (DCS - UFV)

Coorientador: Prof. Dr. Ulysses da Cunha Baggio (DGE – UFV)

APROVADO:

---

Jeferson Boechat Soares  
(Orientador)  
(UFV)

---

Ulysses da Cunha Baggio  
(Coorientador)  
(UFV)

---

André Luiz Lopes de Faria  
(UFV)

---

Higor Mozart Geraldo Santos  
(UFV)

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, por ter tornado esse sonho de me formar possível.

À minha mãe por todo o apoio concedido e pelos conselhos nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão (mais novo e mais bem sucedido) por ter comprado minha bicicleta pelo dobro do preço, e à sua companheira e minha cunhada, Hannah, por ter acreditado em mim mais do que eu mesmo poderia.

À minha companheira, amiga e namorada Marina, pela ajuda na tradução do livro *Place and Placelessness*, a formatação do trabalho madrugada a dentro e pelas conversas sobre todas as questões da vida (você é uma fenomenóloga e não sabe).

Aos professores que se dedicaram a mais sublime das profissões e tiveram a paciência de me ensinar, e principalmente aos professores Jeferson e Ulysses pela orientação e as conversas.

Aos professores informais de filosofia que tive ao longo do percurso.

Ao primeiro amigo de todos, Diego, e aos amigos de caminhada no curso: Manso (boy), Igor, Peppa, Vetão, Pedrão, entre outros, e aos que já concluíram essa caminhada: Pepê e Renan.

Aos secretários do DGE, especialmente Fábio, Gilmar e Patrícia.

À todos os funcionários da livraria UFV, e principalmente ao Edson, pelo apoio, pelas prosas e as resenhas futebolísticas diárias.

Ao Catarino (que está na estrada comigo há muito tempo) e demais amigos fuzileiros navais, da ativa e da reserva, ADSUMUS!

E por último meu primo/irmão Haroldo pelas infinitas conversas sobre a vida, o universo e tudo mais.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a fenomenologia como método de pesquisa e compreensão de mundo à partir da ótica geográfica. Para isso, analisou-se obras consideradas clássicas de geógrafos apoiados nesta corrente teórica, como Eric Dardel, Edward Relph e Yi-Fu Tuan, dentre outros. Discutiu-se os principais conceitos advindos destes autores a fim de aprofundar o entendimento da relação homem-meio. Este trabalho considerou o conceito de lugar fundamental na abordagem da Geografia que incorpora a existência e a ontologia na sua análise. Com esta revisão bibliográfica esclareceu-se alguns conceitos fundamentais da abordagem fenomenológica e sua aplicação na análise socioespacial.

Palavras-chave: Geografia. Fenomenologia. Lugar.

## **ABSTRACT**

The present work aims to present the phenomenological approach as a method of research, and a way of understanding the world from the geographical perspective. In order to do so, were analyzed works of geographers who rely on this research method, such as Eric Dardel, Edward Relph and Yi-Fu Tuan, among others. The main authors' concepts were discussed in order to deepen the understanding of the human-environment interaction. This work considers the concept of place fundamental to the in the existential and ontological geography approach. This bibliographic review clarifies the fundamental concepts of the phenomenological approach and its application in the socio-spatial analysis.

Key words: Geography. Phenomenology. Place

## CONTEÚDO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
1.1- Objetivos gerais e específicos .....	10
1.2- Metodologia .....	11
1.3- Justificativa e contextualização teórica da proposta .....	12
1.4- Breve introdução à fenomenologia .....	15
1.5- A crise da ciência geográfica: recuperando contribuições da fenomenologia e ampliando o horizonte de possibilidades .....	22
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>27</b>
2.1- Os precursores da fenomenologia na Geografia .....	27
2.2- Eric Dardel: o geógrafo e a geograficidade .....	28
2.3- Edward Relph: <i>Place and Placelessness</i> .....	31
2.4- Yi-Fu Tuan e a Topofilia .....	38
2.5- Topofilia, Geograficidade, Place and Placelessness, a questão do lugar como conceito chave da geografia fenomenológica.....	45
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>49</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ciência geográfica tem em seu cerne uma herança epistemológica que lhe permite aproximações e interfaces com diversas disciplinas e segmentos do saber. Para alguns, esse aspecto é tanto uma “benção” como uma “maldição”, pois amplia demasiadamente suas fronteiras e a coloca em contato com uma infinidade de campos de conhecimento, perdendo, com isso, em profundidade, porém, ganhando em amplitude. De fato, a Geografia tem uma abrangência às vezes difícil de compreender, ao considerar seus múltiplos objetos de estudo e suas interfaces. Há, entretanto, um consenso ao se considerar o “Espaço” – essa totalidade, abertura, imensidade, extensão indefinida que envolve seres e objetos –, como o suporte onde se sustenta toda a vida e a diversidade de relações que a envolve. Neste “palco”, ocorrem os múltiplos fenômenos humanos e da natureza, e essa é a sua particularidade, seu caráter distintivo. Cabe ao geógrafo se prover com o arcabouço teórico necessário para empreender sua jornada na compreensão do mundo e decifrar seus códigos.

Desta forma, de acordo com o geógrafo Eric Dardel, que ao buscar a etimologia da palavra Geografia, a define como sendo a descrição da terra. O autor sugere, entretanto, que essa mesma Terra é um texto a ser decifrado, “o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, [que] formam os signos desse texto” (1952, p.2). Yi-Fu Tuan, por sua vez, considera a Geografia como “... o estudo da terra como o lar das pessoas”. (1991, p.89)

Quando a Geografia busca o entendimento necessário para analisar a sociedade, deve-se valer de métodos e linhas de pensamento voltadas para o “humano”. Partindo desta premissa, pode-se afirmar que a Geografia é, em essência, um ramo das ciências humanas. Ao mesmo tempo, as categorias clássicas de estudo da Geografia, tais como lugar, espaço, território, paisagem e região, não estão distantes deste caráter “humano”, como nos chama a atenção Milton Santos, assinalando que: “O espaço, ele mesmo é social” (1977, p.1). Ou seja, o foco da Geografia é a sociedade e, conseqüentemente, o homem em sua relação com o espaço.

Quanto ao objeto de estudo da ciência geográfica, há ainda muita divergência, pois, como afirma Lima (2014, p.3), “não há, a bem dizer, um consenso objetivo acerca do objeto geográfico, já que são variadas e, em alguns casos, até mesmo conflitantes as concepções de espaço entre os geógrafos.” Ou seja, o próprio conceito de espaço, que se tornou o objeto mais consonante entre os geógrafos, é também passivo de interpretações, que o limita e o torna um conceito/objeto em permanente debate, tanto no que afeta a sua abrangência como o seu potencial de aplicação.

A Geografia, por ser essa ciência de síntese, possui uma diversidade muito grande de métodos de pesquisa, o que enriquece consideravelmente o debate científico em relação a esse campo do saber. Como exemplo pode-se considerar, advindo de sua herança naturalista, a utilização do método positivista, que se fez presente predominantemente nas pesquisas em Geografia física, na qual se prioriza os fenômenos naturais. Já na Geografia tida como humana, se produz um diálogo com diversas correntes do pensamento humano e, ao longo do tempo, vai sofrendo influências de correntes filosóficas e teóricas variadas. Considerando esse cenário, Marandola (2009, p.2), atenta no entanto, para o fato de que a Geografia, ciência construída em bases empíricas, “amarga em muitos casos um diálogo raso ou de terceira mão com os filósofos, afetando-se por ondas secundárias ou terciárias.” É uma crítica presente ao diálogo superficial que os geógrafos mantêm com os filósofos, embora não se possa generalizá-la. Ariovaldo Umbelino de Oliveira também reforça que a “Geografia, como campo do saber científico, tem uma história marcada pelo distanciamento e pela quase ausência do diálogo com a Filosofia.” (2003. in SPOSITO). E, nesse sentido, Karl Jaspers (1951, p.23) nos lembra que a ciência necessita, de fato, do exame crítico da filosofia.

À luz dessas considerações, pode-se observar que os estudos humanísticos são desenvolvidos, de modo geral, à sombra de diversos métodos e epistemologias, visando uma dada interpretação, com a finalidade científica de compreender as ações humanas. Estas podem ser descritas em linguagem matemática (estatística), na revelação das distinções entre as classes e as contradições sociais (marxismo) e nas estruturas sociais e fatos históricos (estruturalismo e pós-estruturalismo), entre outras.

Entretanto, na abordagem fenomenológica, que é o foco deste trabalho, é incorporado um elemento primordial, a subjetividade, que, muitas vezes, é ignorada e evitada por outras escolas de pensamento. Considerando o sentido existencial, e

como aspecto constitutivo da natureza humana. E isso em razão de possuir a característica de ser um componente de natureza de difícil aferição, mostrando-se como algo um tanto que fugaz. Talvez, por esse motivo, a Fenomenologia tem se mostrado tão profícua no campo dos estudos mentais/clínicos, influenciando psicanalistas e psicólogos nos estudos atuais.

### 1.1- Objetivos gerais e específicos

Por se tratar de um trabalho teórico, não se poderia fixar uma orientação visando propriamente um resultado, pois como nos diz Heidegger a esse respeito, há uma compulsão em orientar-se pelo resultado (1938, p.5). Essa pesquisa é, antes de tudo, uma revisão e análise bibliográfica, que se propõe a analisar a influência da Fenomenologia dentro do pensamento geográfico. Valeu-se da obra do geógrafo Edward Relph, um dos grandes nomes da Geografia ontológica. Tomou-se como base sua obra principal *Place and Placelessness*, ainda sem tradução para o português, bem como a do Geógrafo francês Eric Dardel, com o livro *O Homem e a Terra*, recentemente traduzida para o português, que constitui um verdadeiro tratado da geografia fenomenológica. Esta obra de Dardel, segundo Marandola (2012, p.54), se apresenta como:

[...] o grande livro esquecido do século XX no pensamento geográfico [...]. Embora resgatado do esquecimento absoluto nos anos 1990, sua contribuição à ontologia ainda é muito marginalmente utilizada na Geografia.

Não se poderia desconsiderar aqui a importante contribuição do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, sobretudo as obras *Topofilia*, um ensaio de 1974, e *Espaço e Lugar*, de 1977. Ressalta-se que ambos os trabalhos ultrapassam a fronteira da Geografia, trazendo elementos de vários autores e escolas de pensamento.

Pensadores da filosofia também serão trazidos para o debate neste trabalho, tornando impossível sua realização sem a contribuição de Martin Heidegger. Todavia, faz-se importante a leitura e a revisão de trabalhos dos geógrafos brasileiros, que mantêm diálogos com a Fenomenologia, tais como Eduardo Marandola Jr., Oswaldo Bueno Amorim Filho e Lívia de Oliveira, entre outros.

Pretende-se com esse trabalho, contribuir ao debate teórico acerca de outras escolas e perspectivas de pensamento. A Geografia possui, nesse sentido, uma grande diversidade epistemológica, sendo justamente este o ponto que faz dela uma ciência tão multidisciplinar. Nesse caso, os esforços irão se concentrar na produção do conhecimento acerca da influência da Fenomenologia na Geografia. Apesar de o trabalho apresentar o caráter de uma revisão bibliográfica, pode-se incorrer em supressões de obras e estudos importantes, que poderiam acarretar prejuízos à abordagem, assim sendo, buscamos proceder a uma minuciosa leitura de fontes consideradas relevantes ao propósito dessa pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho foi a elaboração de uma revisão bibliográfica com foco na influência da Fenomenologia no pensamento geográfico. E como objetivos específicos, tem-se a contribuição para o debate geográfico científico, a apresentação da Fenomenologia como método de pesquisa na Geografia e o destaque e reflexões sobre os principais conceitos.

## **1.2- Metodologia**

Por ser um trabalho restrito ao caráter teórico, não é possível a verificação do resultado final por linguagem matemática ou qualquer outra, assim, busca-se como objetivo principal oferecer contribuições ao debate epistemológico do conhecimento geográfico. Entende-se que a reflexão e a (re)leitura de obras importantes são essenciais para o desenvolvimento da ciência, entretanto, para uma pesquisa bibliográfica com esse caráter, vem à tona algumas questões importantes, como: a delimitação das obras estudadas, o recorte bibliográfico adotado e como circunscrever a escolha correta de autores e obras, pois ao se priorizar um, poderá acarretar no olvidamento de outro, e esta escolha é essencial para o desenvolvimento do trabalho.

Algumas obras se tornam cânones ao longo do tempo, na medida em que se aprofunda o conhecimento teórico sobre um tema específico, sendo o retorno a algumas destas essencial para se avançar no debate teórico. A releitura de obras consideradas essenciais serão feitas aqui, à luz de comentadores e especialistas, como é o caso de Ernildo Stein e Marco Antônio Casanova a respeito de Heidegger, sendo que nesse caso a linguagem hermética do início do século XX dificulta uma

leitura fluida, fazendo dos comentadores leituras essenciais para a compreensão do pensamento do autor.

Outra dificuldade inerente ao trabalho, se deve ao fato de algumas obras ainda estarem na língua original, como *Place and Placenessless* de Edward Relph. A maioria das obras de pensadores da América do Norte, conhecidas como a ontologia geográfica, está em inglês. Esse fato é ressaltado por Marandola ao afirmar que os geógrafos norte americanos e canadenses foram os pioneiros na introdução das obras de Heidegger e Husserl nesta ciência. Entretanto, há uma certa profusão de artigos publicados por brasileiros acerca dos principais conceitos criados por Relph, Tuan e Dardel. E muito das ideias e conceitos desses autores está ganhando visibilidade e utilização em pesquisas diversas no país, como veremos mais adiante.

Uma etapa importante que deverá se seguir concomitante à leitura e à escrita do trabalho proposto é, a observância correta dos conceitos criados no âmbito da filosofia e a aplicação destes na Geografia. Esta é uma tarefa que deverá ser executada com circunspeção. A transição da teoria e sua correta utilização em ciência empírica não é um exercício espontâneo, e deve ser feita com bastante minúcia. Claro que os grandes geógrafos, como Relph, Dardel e Tuan, já executaram esse trabalho ao transpor as ideias nascidas de Heidegger, Jaspers, Kierkegaard e Merleau-Ponty, entre outros, para aplicações na ciência.

### **1.3- Justificativa e contextualização teórica da proposta**

Os conceitos de espaço e lugar tem despertado o interesse de outras áreas de estudos, para além do conhecimento geográfico e a Fenomenologia tem sido um ponto de convergência para isso. O conceito Heideggeriano de ser-e-estar-no-mundo, se aproxima muito da noção de “espacialidade” tão comum no campo de pesquisa geográfico. Dois pesquisadores da psicologia, em artigo intitulado O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade, Renato Ferreira Franco e Cornelis Johannes van Stralen (2012) discorrem sobre o caráter da geração de subjetividade e de significados, que o ser humano tem com os objetos do seu entorno, e que isso perpassa pela sua relação com o espaço. O espaço é assim, onde ocorre

a vida cotidiana, é o palco da totalidade onde ocorrem todos os fenômenos segundo estes dois autores.

Em outro artigo de filosofia, Santos (2010, P. 57), traz o seguinte:

O homem, enquanto ser-aí, percebe-se como “ser” circundado por um conjunto de entes. Enquanto o homem reflete sobre esta situação, ser circundado pelo mundo, torna-se consciente de que ele é (existe) como ser-no-mundo. Nesse mundo ele busca uma certa familiaridade com as coisas que definem a sua ‘segurança objetiva’. É assim que o homem constrói a significância das coisas.

É possível constatar que no ser-aí (dasein), - conceito que pode ser traduzido literalmente como existência - há uma certa espacialidade ou uma relação com o espaço. Em um trecho mais elucidativo, Marandola (2012, P. 83) escreve sobre os filósofos que se dedicaram em compreender a relação homem<sup>1</sup>-espaço:

Entre estes, destaca-se Martin Heidegger que, embora seja comumente considerado um filósofo que subjugou o espaço ao tempo (argumento central de sua principal e inacabada obra, Ser e Tempo) (HEIDEGGER, 2002), trouxe no devir de seu pensar o sentido da existência fundado no habitar. Este é a própria expressão da espacialidade do ser, enquanto forma de ser-e-estar-no-mundo, poeticamente. Seu pensamento evoluiu em direção ao espaço e à linguagem, a partir de um repensar o sentido da ciência, da filosofia e do pensamento. Na sua busca incessante de retirar o ser do esquecimento que a metafísica o lançou, Heidegger fez revelar o sentido geográfico da espacialidade e, no caminho, anteviu o próprio significado da existência na era do império da técnica e da incerteza: nosso mundo.

Calçavara (2013, p.31) assinala em sua tese de doutorado, sobre a complexidade do pensamento de Heidegger:

Fornecer uma apresentação preliminar acerca do pensamento deste filósofo, considerado por muitos como um dos mais importantes (e polêmicos) do século XX, constitui, sem dúvida, uma tarefa intrincada. Como será evidenciado, a envergadura de sua obra envolve o diálogo com os eixos centrais de toda a tradição filosófica ocidental, num arco que se estende dos pensadores pré-socráticos até os debates filosóficos contemporâneos, alimentados pelas obras

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto surgirão os termos sujeito, ser humano, indivíduo, homem (este último, referindo-se a espécie humana em geral - Homo Sapiens -). Ao utilizá-los não pretende-se um aprofundamento maior sobre eles, serão entendidos apenas como “entes”.

de Marx e Nietzsche, dentre outros. Sua obra possui, assim, uma extensão muito ampla, além de ser dotada de uma sistematização complexa.

A ontologia é um caráter intrínseco ao espaço. Não existe existência fora do espaço, existe-se sempre em um lugar. Heidegger, na famosa conferência intitulada “Construir, Habitar, Pensar”, trata da questão do habitar no sentido de ser e estar sobre a terra e que este é o traço fundamental do ser no homem. Para os geógrafos da ontologia, a conexão de Heidegger com a Geografia reside exatamente nas reflexões deste sobre o habitar. Calçavara (2013, P. 40) responde a questão de Heidegger ter ou não uma conexão com o pensamento geográfico, e afirma que:

[...] as inquietações que estimulam o horizonte do pensamento de Heidegger não são, absolutamente, nada “exteriores” à teoria da geografia, ao contrário, tratar-se-ia, antes, de um horizonte precipuamente fecundo, na exata medida em que oferece a possibilidade de tratar, sob um ângulo alternativo, resoluções ontológicas que se impuseram de modo tão estabelecido que, talvez, lhes esteja encoberto a condição de pressupostos. Desta maneira, caso as resoluções ontológicas promovidas pela renovação crítica da geografia encerrem, de fato, pressupostos, cuja assimilação e reprodução irrefletida os sedimentou a tal ponto que, assim, sequer possam ser mais entrevistados na condição de pressupostos, então, se for esse o caso, o pensamento de Heidegger reserva toda uma carga significativa para fazer avançar o debate ontológico na geografia.

Segundo Heidegger, na sociedade atual urge um estudo aprofundado do ser, uma categoria que ficou obscura desde a Grécia antiga. Nas tentativas de uma aproximação do entendimento desta categoria, os filósofos aprofundaram e objetificaram muitas vezes o “ser”, criando barreiras e muitas vezes se dirigiram a ele através de outros nomes (anima, alma, etc.), o que dificultou o entendimento. Foi Husserl e, posteriormente, Heidegger que deram um entendimento mais claro e mais profundo sobre o estudo ontológico, justamente no contexto atual, de um mundo caótico e em constante crise. Karl Löwith (apud, CASANOVA, 2009, p.10) nos diz que Martin Heidegger foi um pensador de uma época precária, indigente, em constante transição e desprovida dos esteios que deram sustentação durante milênios ao pensamento e a ação do homem ocidental. É precisamente neste momento, quando o homem é transformado em objeto (coisificação), que o sentido da existência está diretamente atrelado ao consumo (BAUMAN, 2008), e tantas doenças psiquiátricas

passam a fazer parte do cotidiano, que se faz tão necessário o aprofundamento na questão do ser e da existência.

Há uma conexão intensa entre o viver e o pensar, tornando, por sua vez, impossível a separação entre a existência e o espaço. Logo, não se pensa e nem se vive fora do espaço, muito menos do tempo, se vive e se pensa a partir de um lugar. Na análise segura de Karl Popper em seu discurso na BBC de Londres em ocasião dos 200 anos da morte de Kant, o referido célebre autor afirma que, Kant considerou o espaço e o tempo também fenômenos, mesmo com a dificuldade de se obter uma mensuração. O espaço e o tempo são plataformas onde ocorrem todos os outros fenômenos, ou seja, segundo Kant um fenômeno só é observável no tempo e no espaço. A partir daí, podemos concluir que o espaço, enquanto categoria subjetiva de cada sujeito, tem um significado que pode ser entendido pela geografia. Sendo possível afirmar a partir disso a dificuldade de consenso entre os geógrafos na definição do conceito do espaço. Mas será possível uma aproximação mais humana do espaço através da ontologia?

#### **1.4- Breve introdução à Fenomenologia**

A Fenomenologia moderna nasceu nas mãos de Edmund Husserl, filósofo do início do século XX, cuja busca inicial foi o entendimento do ser através do transcendentalismo. Husserl buscou a compreensão do ser através da suspensão de todo o entendimento e significações existentes para alcançar o “ser puro” na redução fenomenológica. O pai da Fenomenologia tinha como objetivo enquadrar as ciências humanas na categoria de ciências exatas, tornando a subjetividade humana em algo alcançável pela objetividade filosófica e científica. Heidegger, que foi aluno de Husserl, deu prosseguimento a essa investigação, porém, divergiu das bases criadas pelo seu mestre (STEIN, 2014, p.12), e abandonou a pretensão de Husserl de responder as questões transcendentais de forma criteriosa, (HEIDEGGER, 1927). Foi através da sua *magnum opus* Ser e Tempo que o autor fundamentou seus conceitos e fez críticas contundentes a ontologia clássica, criando novos paradigmas para a filosofia (STEIN, 2014, p.10).

No contexto do surgimento e consolidação da Fenomenologia, a atmosfera vivida na época era de incertezas e grandes quebras de paradigmas que perduraram

durante anos na filosofia e na ciência. Com o advento da física moderna, a lógica foi colocada em cheque, inclusive na matemática, como revela Paul Strathern (2002), ao relatar o surgimento da dúvida de como seria possível a luz ser partícula e onda ao mesmo tempo. Essa questão dúbia e paradoxal, nascida das teorias de Einstein, transformou o pensamento e trepidou as bases da filosofia e da ciência (LIMA, 2014, p,105). Ainda segundo Lima, com o surgimento da mecânica quântica, a relatividade e a psicanálise refletiram na reorientação para o sujeito, relativizando o objeto, encarado até então como um estatuto de lei ou verdade fundamental e universal (2014, p.11). Em um artigo sobre Fenomenologia e Geografia, os autores Taiane Flores do Nascimento e Benhur Pinós da Costa (2016, p.45) escreveram:

O objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os indivíduos que a vivenciam. Em contrapartida ao positivismo, que pretende descobrir causas e estabelecer leis, a fenomenologia utiliza a observação para apresentar os dados/informações como se apresentam.

Para a Fenomenologia não há uma distinção entre o mundo das ideias e a vida cotidiana, portanto, o olhar fenomenológico não admite o cotidiano como algo depreciativo. Husserl cunhou o termo *lebenswelt* que significa o mundo vivido ou o mundo da vida. Esse conceito chave demonstra que o foco da análise fenomenológica é onde a vida acontece, e aponta para as experiências comuns que as pessoas têm no dia a dia. *Lebenswelt* é a realidade principal, as outras realidades estão subordinadas a elas. Na definição de Wagner (1970, p.16):

O mundo da vida é simplesmente toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos.

Na Geografia da percepção não é diferente, ao seguir as mesmas máximas desta abordagem, pois a análise fenomenológica parte do pressuposto da relação da mente e o mundo, na forma de mundo vivido e interpretado (CARVALHO, 2013, p.5). Há, contudo, uma certa prolixidade nos escritos de Husserl e Heidegger, ao se utilizarem de uma linguagem hermética e de difícil acesso ao público comum, o que torna árduo o alcance do conhecimento produzido por estes autores, uma vez que

suas obras são densas e técnicas, e exigem um conhecimento prévio muito aprofundado da tradição filosófica ocidental.

Porém, ao se estudar as obras dos cientistas humanos que aplicaram a Fenomenologia aos seus respectivos campos e saberes, esse conhecimento se torna mais efetivo e compreensível, e é possível estabelecer uma relação segura entre a realidade e a teoria. É o caso de Alfred Schütz que, apesar de não ter sido um acadêmico de profissão, produziu entre as décadas de 40 e 50 do século XX, uma extensa obra, aplicando os conceitos de Husserl, Weber e William James na sociologia, construindo as bases científicas para uma sociologia fenomenológica. E, na Geografia não foi diferente, quando Eric Dardel, na década de 1960, inaugura a Fenomenologia na Geografia com a obra, O Homem e a Terra, de 1952, iniciando a aplicação da Fenomenologia no pensamento geográfico.

Husserl, considerado o pai da Fenomenologia, tinha como meta final “a criação de uma filosofia sem pressuposições” (WAGNER, 1970, p.7). Esse procedimento denominado “redução fenomenológica”, elimina toda a noção que se tem de um determinado objeto. O filósofo presumia a suspensão da crença no mundo exterior e no que é ingenuamente apreendido pelos sujeitos no cotidiano, para, assim, se alcançar a essência real do objeto (WAGNER, 1970, p.8). Entretanto, essa tentativa foi posteriormente questionada, sendo que o próprio Heidegger divergiu das bases de Husserl, como já mencionado. No entanto, deve-se a Husserl os alicerces desta abordagem, e foi a partir dele que surgiu e se construiu a Fenomenologia. O que Schütz se propôs foi aliar as bases da sociologia de Weber à Fenomenologia de Husserl.

Apesar de Schütz não estar incluído no cânone da Geografia, optamos por introduzi-lo neste capítulo devido à relevância dos seus estudos para o desenvolvimento da Fenomenologia nas ciências humanas como um todo. Na obra do geógrafo Edward Relph é possível perceber procedimentos e alusões ao sociólogo, além da ocorrência sucessiva de citações a ele. Schütz incorporou a Fenomenologia na Sociologia, fazendo uma importante ponte entre filosofia e ciência, admitindo conceitos advindos da filosofia e incorporados na análise sociológica científica.

Schütz produziu um material suficientemente didático e acessível sobre a Fenomenologia, pois, como era um pioneiro desta abordagem, frequentemente tinha

que expor as bases desta corrente antes de iniciar uma ideia, discussão ou artigo, assim, ele expõe que (SCHÜTZ,1970, p.53):

[...] em certos círculos, o fenomenologista é tido como uma espécie de mago de bola de cristal, um metafísico ou ontologista no sentido pejorativo dessas palavras, enfim, como uma pessoa que desdenha todos os fatos empíricos e os métodos científicos [...]

O trecho demonstra o desconhecimento da comunidade científica de sua época diante da abordagem fenomenológica, o que se deve ao fato de - segundo a explicação do Prof. Oswaldo Bueno Amorim Filho -, a Fenomenologia ter se consolidado como uma filosofia madura somente à partir da metade do século XX (1999, p.69). Schütz defende que se devem ignorar os “rótulos comuns”, como “idealismo”, “realismo” e “empirismo”, afirmando que nenhuma dessas classificações pode servir para definir uma escola que coloca todas elas em questão. Segundo ele a Fenomenologia “busca o início real de todo o pensamento filosófico” (1970, p.54) e que o lugar da Fenomenologia não é além, e sim, antes. Desta maneira, “ela é um método, e tão científico quanto qualquer outro”. (1970, p.55).

Schütz, seguindo a tradição da Fenomenologia, afirma que, racionalmente, atribuímos significados ao mundo exterior, e que interpretar, para o sociólogo, é uma atitude natural. Como experimentamos o mundo exterior através dos sentidos, Meleau-Ponty afirma que, “a experiência sensível é um processo vital, assim como a procriação, a respiração ou o crescimento” (1945, p.31). Sartre (1943), por sua vez, diz que, cada indivíduo é a base de sua tomada de decisões, negando-se, assim, a máxima de que o homem seja produto da história. Desta maneira, pode parecer que o indivíduo é senhor absoluto do seu destino, e que não existe limitantes sociais, institucionais, etc. No entanto, Michel de Certeau descreve as “maneiras de fazer”, explicando que os pequenos atos no cotidiano, contestam a ordem vigente o tempo todo (1990, p.41), e que isso coloca o dito “senso comum” em um patamar diferente do que consideram as outras escolas de pensamento, o que Certeau cunhou “artes de fazer”, advogando pela razão popular que dota suas ações de significados.

Desta maneira, as “realidades” de cada indivíduo podem ser infinitas, abrindo a possibilidade de existirem milhões de interpretações conflitantes e diferentes entre si. Como condensar isso tudo em uma interpretação científica que seja concisa e coerente com a realidade? A esse problema, que pode ser chamado de

intersubjetividade, Wagner alega que Husserl também enfrentou dificuldades em fundamentá-lo e solucioná-lo; e que Schütz o resolveu encarando-o como uma “categoria ontológica fundamental da existência humana, um pré-requisito para toda experiência humana imediata no mundo da vida, algo a ser aceito como inquestionável” (1960, p.32). Assim, Schütz agregou a intersubjetividade na sua proposta. A esse respeito, Lima (2014, p.14) parece concordar quando discorre sobre o conceito de espaço em uma discussão sobre o sujeito na Geografia:

Uma vez que cada sujeito, cada indivíduo, carrega a potencialidade de obter uma percepção própria acerca de um fenômeno geográfico qualquer que seja, o espaço, na qualidade de um meio agregador de todos os fenômenos (reflexo de seu poder de cooptação intersubjetiva), torna-se o ponto focal comum a cada um deles. O eixo de intersecção ou interação é exatamente o fenômeno espacial tornado objeto a partir da experiência intersubjetiva.

E em outro trecho elucida a questão do sujeito e a subjetividade (LIMA, 2014, p.125):

[...] não há sentido ou significado sem apelo atribuído às coisas ou eventos, pois não há sentido ou significado sem apelo à subjetividade (que como já vimos, está subjacente à intersubjetividade e, portanto, a determinadas condições sociais).

Nas pesquisas orientadas pela Fenomenologia, as crenças, os mitos, e tudo o que, de alguma forma é evitado objetivamente por ser subjetivo demais, é acrescentado ou incorporado na análise como um elemento importante e constitutivo da natureza humana. Desta maneira, ao considerar importante o fato de possuímos crenças e emoções envolvidas em uma ação praticada, Tuan (1974, p.15-16) escreve:

O cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar da diversidade e a subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações do mundo não humano já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla, sabemos que atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, [...] porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado.

No livro Espaço e Lugar, o geógrafo acrescenta que ninguém age o tempo todo orientado pela racionalidade pura, a emoção também é uma forma de conhecer e experimentar o mundo, deste modo (TUAN, 1977, p.19):

É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experiencial, e ambos são formas de conhecer.

Esse autor fala constantemente na “geografia mítica”, e, para Dardel não é diferente, já que, em sua principal obra, há um capítulo com o mesmo título.

Ciência e filosofia não são visões de mundo superiores ao senso comum em termos de compreensão de mundo, e não se diferenciam, de certo modo da visão/interpretação das pessoas comuns. No entanto, é mais apurada, possui técnicas, ferramentas e modos de interpretação mais abrangentes e precisos. Mas, segundo a premissa dos estudos na Fenomenologia, todos os seres humanos interpretam o mundo a sua volta, e essa é uma condição vital para a existência. Cabe ao geógrafo compreender a forma de interpretação de mundo que os diversos grupos humanos significam o seu entono, imprimindo-lhes significados e sentidos, e o lugar, aqui entendido, enquanto instância espacial mais imediata de realização no munda da vida e os reflexos dessas significações nos lugares e na vida cotidiana dos indivíduos.

A Fenomenologia lida com as crenças, com a transcendência e a existência humana em suas representações, sem, entretanto, se tornar subjetivista, valorizando-se o imaterial sobre o material, de modo a não se desprezar as crenças e nem os mitos; e, desta forma, espera-se alcançar uma profundidade maior nos estudos humanísticos. Nesta abordagem, dentro do contexto geográfico, busca-se dar importância, à percepção dos sujeitos inseridos no espaço, e o espaço entendido como categoria intrínseca ao ser. Para isso, alguns termos e conceitos são importantes, alguns importados da filosofia, outros cunhados por geógrafos, que serão apresentados no capítulo 2.

É bastante clara a influência de Heidegger nos estudos da ontologia geográfica; Dardel, que foi precursor das ideias dele na França, estudou e difundiu o pensamento dos filósofos da ontologia. O geógrafo conjugou essa dimensão espacial da existência no conceito de geograficidade, como sugere Besse (2015, pag.114) “a apresentação do espaço efetuada por Dardel prolonga uma linha de pensamento heideggeriana”. Por sua vez, Relph (1976, p. 1) no primeiro capítulo de sua principal obra, faz uma referência à Heidegger já no primeiro parágrafo, em uma reflexão baseada na citação do filósofo sobre o lugar, como sendo “um profundo e complexo aspecto da experiência do homem no mundo” (HEIDEGGER, 1958, p.19 apud RELPH, 1976, p.1,

tradução nossa). Por último, encontramos o geógrafo Yi-Fu Tuan que, segundo Marandola (2011, p.8), buscou na filosofia existencialista de Heidegger “um outro olhar para o homem no mundo”.

Refletindo sobre a importância de Heidegger para a Geografia, Lúcia Saramago (2014, p.193) assinala:

Mais conhecido como um filósofo do tempo, Martin Heidegger pode ser hoje considerado um dos mais expressivos pensadores do espaço no panorama da filosofia contemporânea.

Heidegger produziu uma obra extensa, complexa, e com termos e conceitos originais, o que exige esforço de estudo e interpretação. O que se busca nesse trabalho, é uma aproximação de suas principais ideias e o desdobramento delas no pensamento geográfico. Sabe-se que os geógrafos buscaram os fundamentos da Fenomenologia neste filósofo, entretanto, fazer uma ponte direta com Heidegger é tarefa árdua para um estudante de graduação. Desse modo, recorreremos assim aos comentadores, com os geógrafos aí inclusos, buscando-se, imprimir a maior fidedignidade possível às ideias.

Heidegger se volta para as experiências comuns que as pessoas têm de mundo, e um conceito chave para a interpretação da sua filosofia é o *dasein*, que pode ser traduzido como presença, segundo Márcia de Sá Cavalcante, ou ainda como existência, de acordo com Lúcia Saramago. No entanto, nenhum tradutor opta pela transposição do termo em língua nativa, sendo recorrente a utilização do termo *ser-aí*, para explicar o conceito original em alemão. Todavia, o termo busca a compreensão do ser, entendido mais como um sentido, uma possibilidade, longe de ser algo pronto, que era uma preocupação de Heidegger, e isso além do fato de o filósofo ter se recusado a objetificar o ser. Porém, não cabe aqui um aprofundamento maior da questão, atendo-nos ao entendimento dos geógrafos e no que tange a Geografia, que é o entendimento de ser-e-estar-no-mundo, uma expressão composta cunhada por Heidegger. Nesse sentido, Saramago observa que: “os hifens buscam sublinhar a inquebrantável unidade de seus termos” (2014, p.196), denotando assim, o sentido geográfico do *dasein*, reforçando que o espaço para a Fenomenologia está atrelado à existência, com Heidegger vendo no “habitar” a manifestação da relação do homem com o espaço.

O ser-aí ou *dasein* é a base da pergunta do sentido pela existência, o que para Dardel reflete no conceito do ser chamado a se realizar em sua condição terrestre – a geograficidade –. Portanto, para o filósofo da Floresta Negra, o filosofar é ser sempre iniciante, não é a decoreba, nem a verborragia, é antes, uma retomada do pensamento, feito de avanços e recuos, sem jamais se pautar no acúmulo de conhecimentos e/ou conjuntos de doutrinas (CASANOVA, 2010, p.15).

A Fenomenologia é um esforço de aproximar a relação entre sujeito-objeto que o positivismo distanciou, desse modo, buscando uma compreensão do mundo baseada na facticidade (CASANOVA, 2009, p.15-16). Heidegger se debruçou também sobre o entendimento da crise da modernidade, apontando que o pensamento ocidental, técnico e decadente, olvidou o ser, tornando o homem um objeto (STRATHERN, 2002, p.21). O que podemos talvez afirmar ser o cerne da crise atual, que atinge a sociedade como um todo.

### **1.5- A crise da ciência geográfica: recuperando contribuições da Fenomenologia e ampliando o horizonte de possibilidades**

Apesar de a palavra enunciada no título deste item possuir uma forte conotação negativa, a crise pode ser algo positivo e importante; afinal, em uma crise, inclusive as pessoais, podemos receber um incentivo para refletirmos e sair de uma condição e passar a outra, produzir rupturas, ir além, quebrar paradigmas anteriores para (re)criar novos, a crise pode suscitar um desejo de transformação. Enfim, essa discussão sobre a crise da sociedade atual, de maneira nenhuma é recente e tampouco esgotada. Pensadores como Zygmunt Bauman (2010), Byung-Chul Han (2010) se debruçam sobre a questão, e, mais especificamente, no âmbito da Geografia, pode-se destacar, entre outros, Carlos Walter Porto-Gonçalves, que, em artigo bastante conhecido entre os geógrafos (1978), problematiza a crise da Geografia, encarando esta crise como uma espécie de positividade ao desenvolvimento da própria Geografia. Todos eles de modo geral, versam sobre a condição social atual e suas implicações no mundo das relações humanas e do trabalho.

Há hoje, em todos os meios (na mídia, ambientes acadêmicos, religiosos, políticos, etc) um consenso de que a sociedade passa por profundas transformações, e elas são aceleradas pela velocidade da informação que ampliou nossa comunicação a um nível inimaginável ao longo das últimas décadas. Corremos o tempo todo, sempre atarefados e/ou preocupados, e enquanto isso, as doenças relacionadas a psique humana, tais como: depressão, ansiedade, Síndrome do pânico, síndrome de Burnout (SB), Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), vem alcançando níveis alarmantes<sup>2</sup>, diante disso Han (2010, p.23) sugere que:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédio de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho.

Esse trecho é bastante elucidativo, comportando, aliás, um sentido geográfico, visto que, os lugares citados pelo filósofo se enquadram perfeitamente no conceito cunhado pelo geógrafo Edward Relph “*Placelessness*” - que será discutido oportunamente mais adiante -, conceito esse que reflete o esvaziamento físico e metafísico da sociedade atual, ao produzir lugares e vidas inautênticos.

No mesmo livro “Sociedade do Cansaço”, Han chega ao ponto de afirmar que o homem depressivo da sociedade atual explora a si mesmo, tornando-se “agressor e vítima ao mesmo tempo” (2010, p.28), pondo-se em busca de um desempenho cada vez maior para atender ao excesso de estímulos, informações e impulsos que permeiam as condições de vida na contemporaneidade. Nessa perspectiva, o autor observa que seria uma ilusão acreditarmos na ideia de que quanto mais ativos pudéssemos ser, mais livres nos tornaríamos (2010, p.52).

À luz dessas considerações, podemos afirmar que estamos diante de um período histórico, marcado por incertezas, e que a ciência não está imune à esta condição. Isso nos leva a pensar se uma certa revalorização da Fenomenologia, que observamos nos tempos atuais, não estaria comparecendo como uma espécie de “resposta”, ou perspectiva alternativa, em meio a outras, em face desse estado de coisas; ou se isso representaria só mais uma “moda” intelectual diante deste

---

<sup>2</sup> Comunicado da OMS sobre o suicídio ser a segunda maior causa de morte entre os jovens <<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/>>

esgotamento de matrizes discursivas, podendo-se aqui destacar a do marxismo. O que buscamos reter com essa indagação é justamente as razões desta revalorização da Fenomenologia e, mais especificamente, pela Geografia, em tempos em que tanto se questiona sobre a existência, as questões espirituais e metafísicas. Haveria, portanto, uma tentativa geral de buscar novas fontes de significado? visto que as transformações aceleradas tem impulsionado as pessoas, de um modo geral, (cientistas aqui inclusos), a irem em busca da antítese do problema?

Afirmamos e defendemos aqui que este trabalho não poderá responder a esses questionamentos. Porém, é plausível admitir que a Fenomenologia esteja representando a abertura de novos horizontes e possibilidades de abordagem pela Geografia, conferindo-lhe assim, potencialidades epistemológicas desta ciência na compreensão da sociedade em sua interface com o espaço. Lembremos ademais que a Geografia, desde os seus primórdios, comporta o traço da diversidade de saberes, aberta a interlocuções inter e multidisciplinares. Nesse sentido, ela se volta a um olhar e a percepções mais ampliadas sobre o sustentáculo em que se assenta a sociedade e toda a vida, a Terra.

Reputamos que a Fenomenologia possui um grande potencial de explicação e entendimento do mundo, surgindo em um momento crucial da modernidade. Ser e Tempo, por exemplo, foi escrito no período entre guerras em um dos países mais conturbados da época, a Alemanha. Husserl se refere a Fenomenologia como uma nova forma de pensar. Isso implica no fato de ser mais que uma nova linhagem teórica. No contexto atual, se fala de crise em todas as esferas da vida: econômica, política, ética, moral, ambiental, etc. O Ocidente, e o próprio mundo, tem tantas crises quanto se possa acumular em um período histórico, e é no atual momento em que talvez se faça tão necessária uma profunda reflexão filosófica sobre o ser e a existência. Em momentos de acumulação de dados em nuvem, *Big Data*, avanços da biotecnologia, culto ao corpo, narcisismo e consumo exacerbados e difusão de redes sociais, situações em que o ser se objetiva no ente e tudo se torna manipulável, inclusive o homem, a ontologia recebe, assim, o status de um ramo da filosofia muito importante na compreensão do mundo.

Byung-Chul Han, filósofo da Universidade de Berlin e estudioso das ideias de Heidegger, é um pensador que vem despontando como um grande e atualíssimo

crítico da sociedade contemporânea, assinalando, no seu ensaio *Sociedade do Cansaço*, o seguinte (HAN, 2010, p. 6):

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI.

Estamos lidando com um mundo que nos cobra cada vez mais respostas, resultados, recobrando problemas ao plano individual e, muitas vezes, metafísico, podendo-se mesmo falar em práticas de caráter espoliativo, revelando, desse modo, uma mudança de paradigmas. Os nossos estudos e discussões devem levar esses aspectos em devida consideração, haja vista a contundência com que se revelam sob esta condição.

Apesar das contribuições da Fenomenologia na Geografia serem ainda relativamente recentes no Brasil, podemos ressaltar o uso desta perspectiva em outros campos do saber. Isso se mostra, por exemplo, no Direito, com Gerhart Husserl e Adolph Reinach. Este último, tinha por objetivo, o pensar fenomenológico no direito através da busca do ser puro, e também na psicanálise e psicologia através de pensadores como Ludwig Binswanger e Bert Hellinger. O primeiro é considerado o fundador da psiquiatria daseinsanalítica; o segundo, o criador da terapia conhecida por “constelações familiares”. Apesar disso, não acreditamos ser possível através desta abordagem uma resposta exata para sair da crise na qual a sociedade, como um todo, enfrenta. Essas abordagens mais abertas têm sido, e não sem razão, cada vez mais valorizadas no campo das humanidades, que incluem o subjetivo e as questões existenciais nas suas pesquisas. Além disso, outro fator importante que merece atenção, são as contribuições de Heidegger para os estudos da técnica, um tema tão recorrente nos estudos geográficos atualmente, como bem, aliás, comparece nos estudos do geógrafo Milton Santos.

Holzer (2015, p.148-149), em artigo sobre Dardel e a Fenomenologia, faz uma crítica à Geografia humana, observando que:

Esse é um tema [Fenomenologia] que ainda não foi suficientemente explorado pela geografia. Os geógrafos humanistas, apesar de suas críticas à ciência positivista, recorreram pouco ao apoio da Fenomenologia referindo-se a ela, principalmente, enquanto método de pesquisa, o que levou a uma utilização

parcial de seus procedimentos. Ao mesmo tempo, propostas de cunho epistemológico, apesar de problematizar as relações entre a geografia e o positivismo, não se referiam explicitamente a qualquer aporte teórico-conceitual para explicitar essas questões.

Relph é outro pensador que atenta para o fato de que a Geografia se afastou da fonte de significados, que é a existência (RELPH, 1976, p.5). Com essas reflexões, concluímos esse tópico e reforçamos a importância da Fenomenologia nos estudos geográficos, e como ela se tornou uma escola subutilizada e, conseqüentemente, esquecida. Acreditamos que este trabalho possa dar visibilidade a esta escola de pensamento, podendo alcançar um dia, uma maior difusão no meio acadêmico e escolar, apresentando aos estudantes uma forma de “ver o mundo”, e mudar nossas atitudes em relação a nossa própria existência, às pessoas e ao mundo que nos cerca, como acredita Relph (apud AMORIM FILHO, 1999, p.75).

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1- Os precursores da Fenomenologia na Geografia**

Cada uma das obras e autores propostos e estudados são, certamente, um terreno fecundo para um estudo aprofundado focado somente neles, assim como valeria uma monografia focando somente nos filósofos que criaram as bases da abordagem fenomenológica. Este trabalho, porém, procura dar mais amplitude, e não se restringindo a uma obra só; pretende, assim, a uma abertura de horizontes, tendo como pano de fundo as relações entre a Fenomenologia e a Geografia. Claro que com isso perde-se em profundidade, mas se ganha em alcance, ao relevar o desenvolvimento de um método na ciência geográfica. Desse modo, este trabalho enfatiza as obras de geógrafos, principalmente, os que iniciaram a empreitada de aplicar o método da Fenomenologia na compreensão dos fenômenos socioespaciais, considerando, também, os trabalhos de comentadores em evidência no pensamento fenomenológico.

Neste estudo não se tem como objetivo a biografia dos autores propostos, mas uma aproximação de suas principais obras e ideias e a importância destas para a Geografia. Com isso, selecionamos Eric Dardel (1899-1967), Edward Relph (1944- ) e Yi-Fu Tuan (1930- ) como sendo um dos pioneiros da Fenomenologia na Geografia. Temos clareza, no entanto, que há outros pensadores que poderiam ser considerados nesse trabalho, porém, isso acarretaria em um esforço além de nossas possibilidades nessa empreitada, podendo-se assim incorrer em riscos de torna-lo genérico demais. Nesse sentido, decidimos, postular estes três como principais a fim de definir um recorte bibliográfico. Claro que com isso, podemos também correr o risco de uma seleção arbitrária. Entretanto, estando em acordo com os principais nomes da Fenomenologia no Brasil tais como: Eduardo Marandola Jr, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Lívia de Oliveira e Werther Holzer, optamos pela seleção proposta, considerando a importância destes três autores pioneiros para a recém desenvolvida Fenomenologia geográfica. Sendo assim, vamos a eles.

## 2.2- Eric Dardel: o geógrafo e a geograficidade

Eric Dardel pode ser considerado o primeiro geógrafo a aplicar a Fenomenologia no contexto geográfico, tendo como principal obra *O Homem e a Terra*, um tratado da relação telúrica entre homem e meio, escrito em 1952. A obra tem como base fundamental a Fenomenologia e a filosofia de Martin Heidegger, importando conceitos relevantes da filosofia heideggeriana. Dardel, lançou as bases do que viria a se tornar, posteriormente, o projeto humanista da geografia estadunidense nos anos 1960, movimento que fazia frente à geografia de base quantitativista. Holzer nos diz que “[...] Dardel foi de algum modo uma referência que permitiu a adoção pela Geografia norte-americana de um aporte fenomenológico, e que suas ideias permeiam as obras dos mentores da geografia humanista”. Marandola (2015, p. XI), por sua vez, ressalta no prefácio da edição brasileira de *O Homem e a Terra*, a importância dessa obra, vendo-a como algo que estava à frente do seu tempo, e que por isso, teria permanecido no ostracismo durante décadas, até ser redescoberta pelos pioneiros Relph, Tuan e Buttimer.

Dardel foi influenciado pelas obras de Martin Heidegger, Gaston Bachelard, Karl Jaspers, Maurice Merleau-Ponty e Soren Kierkegaard. O geógrafo francês incrementou os escritos destes autores na ciência geográfica, produzindo uma geografia a partir da relação ontológica do ser humano com o seu entorno, traduzida no conceito de geograficidade, “o qual expressa a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo” (MARANDOLA, 2015, p.XII). O conceito de “geograficidade” traduz bem a relação do autor com a Fenomenologia, pois é sinônimo de ser-e-estar-no-mundo, conceito advindo de Heidegger atrelado ao *dasein* ou ser-aí, termos considerados chave na filosofia heideggeriana. Nesse sentido, a geograficidade está diretamente atrelada à dimensão espacial da existência como parte constitutiva do ser, tornando fértil o campo de investigação onde se prioriza a dimensão espacial da existência.

Homem e terra podem ser transcritos como sociedade e natureza, um paradigma que os geógrafos, de uma maneira geral, têm discutido efusivamente. Porém, o que torna a abordagem de Dardel curiosa, e no mínimo instigante, é sua disposição em não separar em pares de opostos os dois conceitos. Ao contrário, a

medida que apodera-se deles como coisa só, estimula o tema humanista na compreensão do espaço ao colocar a ontologia no cerne desta discussão.

Para Dardel (1952, p.47) as geografias são uma concepção do mundo circundante e é, em cada época, o testemunho da imagem admitida da Terra, portanto, é produzida cotidianamente pelos sujeitos, não se restringindo a uma disciplina científica somente, mas como um movimento vivido por todos os seres humanos. A “terra” é, portanto, um “texto a decifrar”, e seus signos a serem desvendados. Nessa tentativa, surge nos seres humanos uma vontade de poder, como algo que se anteciparia ao geógrafo que calcula e faz medições. Desse modo (DARDEL, 1952):

[...] uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade, (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino.

Na citação acima verifica-se também a primeira vez em que, no corpo da obra, o autor introduz o termo “geograficidade”, como reflexo de nossa condição terrestre, de estarmos lançados na mundaneidade, como coadjuvantes e protagonistas, tendo por base nossa condição de seres, que constroem, habitam e pensam.

Na obra, influenciada pela filosofia de Merleau-Ponty, em que o homem experimenta o mundo através do corpo, Dardel cria o panorama onde o homem afeta e é afetado pelo meio, identifica e caracteriza o espaço pelos objetos; esses objetos, que se impõe ao ser humano, como a montanha e o rio, limitam o deslocamento e cerceiam a liberdade humana, sendo objetos experienciados pelo homem, só fazendo sentido enquanto tal. Dardel, já rebatendo as críticas e uma suposta acusação de antropocentrismo exagerado, afirma que: “a realidade só é geográfica para o homem, o que significa este ‘para’? Naturalmente, ‘para o homem’” (DARDEL, 1952, p.8), assim, o espaço é caracterizado tendo em vista sua utilização “habitável, cultivável, navegável”.

Na concepção dos autores geógrafos/fenomenologistas, o espaço, não é exterior ao sujeito, é antes, um elemento constitutivo do ser, pois, abrimos nosso ser para o mundo, nos localizamos em termos de distância, criamos topofilias e topofobias de acordo com movimentos internos de consciência, e ao nos fixarmos no espaço, o humanizamos tão cedo quanto possa se imaginar objetivamente. Dardel se alinha ao

habitar de Heidegger, ao considerar o espaço desta forma, assim (DARDEL, 1952, p.10):

A distância geográfica não provém de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de comprimento previamente determinadas. Ao contrário, o êxito de medir exatamente resulta dessa preocupação primordial que leva o homem a se colocar ao alcance das coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade expressa em termos de perto ou longe.

O espaço é experienciado em medidas internas subjetivas, Dardel, na mesma página da passagem supracitada, usa o exemplo de uma vila situada à três quilômetros no pendente elevado de uma montanha, e outra localizada numa planície em uma distância de 5 quilômetros, e ressalta para o fato de que, normalmente, uma pessoa define a vila na planície como mais próxima, o que é perto, é o que está facilmente ao alcance.

É tão profunda a relação do homem com a terra, que nos referimos à movimentos internos de consciência (sentimentos e emoções) usando expressões geográficas, o que remete as expressões cotidianas, como “caminho fácil” ou “via do sacrifício”, podemos estar “desnorteados” ou “desorientados” remetendo à uma situação de confusão mental. Ou como no exemplo de Dardel, (1952, p.12), “...sofremos o ‘distanciamento’ de certas pessoas; nós as sentimos ‘próximas’ ou ‘distantes’, ou mesmo ‘inacessíveis’.” Numa referência ao que nos é corriqueiro em descrições espaciais. Essas expressões cotidianas demonstram a relação existencial dos seres com o entorno. Da mesma forma, caracterizamos o espaço usando expressões de afetividade humana para qualificá-lo. Para Dardel (1952, p.47-48): “[...] a Terra não é um dado bruto a medirmos como ele ‘se dá’, mas que “sempre transita entre o Homem e a Terra uma interpretação”, uma estrutura e um ‘horizonte’ de mundo, um ‘esclarecimento’ que mostra o real no real, uma ‘base’ a partir da qual a consciência se desenvolve.”

Em sua obra, Dardel sempre busca dar relevância às descrições poéticas da paisagem e do espaço, valendo-se de citações recorrentes de escritores e poetas. Isto, a nosso ver, permite uma aproximação maior com a essência dos conceitos em geografia, o que segundo o fenomenologista (JAN HENDRIK Van Den BERG apud PALLASMAA, 2017, p.19), “poetas e pintores são fenomenologistas natos”. Dardel (1976, p.38) escreve que foi dado aos músicos “Beethoven, Weber e Debussy o dom

de perceber e de transmitir a harmonia musical vibrada pelo espaço campestre, silvestre ou marinho”. Isso reforça que a realidade geográfica pode ser transmitida por muitos meios, sendo que o positivismo científico acaba por ser frio demais nesse aspecto, ao ignorar as sensações e o subjetivo.

Um mesmo lugar terrestre pode mudar suas características segundo a estação e a hora do dia, essas mudanças são cúmplices do nosso imaginário e subjetividade, do nosso *dasein*, e a nossa percepção se altera e cambia entre os diversos sentimentos que exprimimos ao descrevê-lo, incutindo assim, nas nossas mudanças pessoais em relação ao tempo e ao mundo que nos rodeia. Dardel (1952, p.18) escreve:

A Terra como realidade telúrica não é estática, Nós falamos a propósito da superfície continental, de ‘movimentos’ e de ‘ondulações’ do solo, de terreno ‘acidentado’, ‘tormentoso’, ‘deslocado’. É como se a feição da terra respondesse a nossa mobilidade inquieta que espera que o mundo se anime, se mova, se dobre aos nossos olhos.

Para esse professor de geografia, que insistia em afirmar que a Geografia é um deixar se levar, é sentida, vivenciada; a terra é um texto a ser decifrado, não só medido por aparelhos, mas, “um reencontro do ser”, as montanhas, os rios, as matas, são o nosso próprio reflexo, e a Terra, que é onipresente, está sempre recordando aos seres de sua presença às vezes insólita, e sobre nossa condição de seres mortais, e que esse desvelamento se realiza na intimidade. “A Geografia, por sua posição, não pode se furtar de ser solicitada entre o conhecimento e a existência” (DARDEL, 1952, p.97) Na hermenêutica de Dardel, sujeito e objeto se pertencem mutuamente, culminando em uma Geografia que une ciência, o mito e a arte (BESSE, 1990 [2015], p. 134).

### **2.3- Edward Relph: *Place and Placelessness***

Edward Relph, ao lado de Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, foi um dos pioneiros do projeto humanista da Geografia estadunidense na década de 1960, (MARANDOLA, 2015, p.XI). Relph no livro de 1976, cujo título dá nome a essa seção, discorreu sobre a dimensão ontológica do conceito de lugar, com base na Fenomenologia heideggeriana, e na influência de autores externos à geografia como Alfred Schütz por exemplo. Sua obra ainda não possui tradução para o português, o que limita o

acesso à ela, entretanto os geógrafos recorrem bastante a ele, e apontam Relph como um dos precursores do pensamento fenomenológico na Geografia (MARANDOLA, 2010); (HOLZER, 2015).

No título são apresentados os conceitos centrais *Place* e *Placelessness*, sendo o segundo cunhado pelo próprio autor, e diz sobre a autenticidade e inautenticidade dos lugares, ambos os termos importados de Heidegger (STEIN, 2014, p.14). O primeiro conceito, *place*, facilmente traduzido como lugar, não exige, enquanto palavra, uma tradução mais rigorosa, porém, *placelessness*, demanda um aprofundamento e esforço maior.

Werter Holzer (2015, p.143), pondera sobre o conceito como um desafio para a tradução, que segundo o autor, trata-se de um lugar “desprovido de significado”, e que “um ‘lugar sem significado’ pode ser traduzido para o português como um ‘não lugar’.” Por outro lado, Marandola emprega, na tradução de um artigo de Relph (2015, p.23), o conceito lugar-sem-lugaridade. O tradutor se utiliza de uma nota de rodapé para fundamentar e interpretar melhor o termo. Abaixo reproduzimos o trecho (MARANDOLA *in* RELPH, 2014, p.25):

Relph utiliza o termo *Placelessness* para expressar a ausência da capacidade de lugaridade, ou seja, de constituição de lugar. A lugaridade (qualidade própria de lugar) se funda nos seus aspectos constitutivos (como a autenticidade, o encontro, o sentido de lugar, o espírito do lugar entre outros), sendo melhor entendida enquanto uma gradação, tendo níveis em contextos diferentes. Lugares autênticos seriam aqueles com forte lugaridade, enquanto os não-lugares e os *Placelessness* seriam aqueles que possuem ausência de lugaridade, ou seja, lugares-sem-lugaridade.

Marandola aponta que “não-lugar” pode se tornar uma expressão maniqueísta, devido à forte conotação negativa de ausência de lugaridade, e que Relph não tinha a intenção de conotar um significado tão absoluto, porém concorda com a dificuldade de tradução do conceito, mas propõe o uso da expressão composta, lugar-sem-lugaridade.

*Placelessness*, diz então, sobre os lugares inautênticos, baseados na “mesmidade”, destituídos de significado, e que não promovem um sentimento de pertencimento ou uma profundidade de relações, sendo caracterizados pela superficialidade e artificialidade. A arquitetura moderna, é caracterizada por conter essa estética vazia de sentido, priorizando a utilidade no lugar da autenticidade. Besse

reforça a importância da estética, afirmando que: “A estética é a primeira ligação do homem com o mundo, seu primeiro modo de se situar e de compreendê-lo.” (BESSE, 2015, p.137), o que atesta a importância desse valor, ao qual a filosofia tem se debruçado desde a Grécia antiga. Mais adiante o autor em um diálogo com Eric Dardel, pondera sobre essa sensibilidade estética presente no homem, assinalando que (BESSE, 2015, p.138):

A geografia prolonga essa afirmação dos direitos da consciência estética. Ela é um reflexo da tentativa de restituir ao ser humano a possibilidade de aprender na percepção das coisas a ordem geral do mundo.

Se é sempre em algum lugar, a espacialidade está arraigada na existência, de forma que, qualquer pessoa ao se apresentar, se define referenciando o lugar de origem, Relph (2012, p.18), citando Platão assinala a importância que o filósofo grego dava a esta dimensão ontológica acerca da espacialidade ao afirmar que o lugar é “o alimento do ser”. De fato, Relph valoriza profusamente essa dimensão ontológica indissociável ao lugar. Nesse sentido, *placelessness* transmite a ideia de um vazio sentimental, refletido em uma arquitetura com formas monótonas, esvaziada de significado e sentido, um vazio sentido subjetivamente pelos indivíduos que passam e vivem nesses lugares.

Porém, a obra é mais que uma discussão sobre e somente esses dois conceitos; é um tratado sobre a Fenomenologia e a Geografia, e o enaltecimento da dimensão da experiência e da identidade (pertencimento e não-pertencimento) dos lugares (MARANDOLA, 2010, p.2), este último, compreendido pelo autor como um fenômeno. Relph buscou desvelar a essência dos lugares, baseando-se em seus três componentes: a configuração física, as atividades e os significados. O que envolve elementos da cultura e da natureza, englobando as dimensões físicas e humanas da Geografia.

Relph, seguindo a trilha deixada por Dardel (1952), fez uma investigação aprofundada sobre o conceito/fenômeno do lugar, baseado no entendimento de uma Geografia que se funda na existência e na profunda relação entre homem e o mundo circundante, uma definição que segundo o próprio Relph (1976, p.5), Dardel encara como sendo uma profunda e imediata experiência do mundo, uma geografia que surge antes da construção científica, (CARVALHO, 2009, p.9), quando reflete o sujeito que

ilumina a existência, criticando assim, a forma como a filosofia moderna tratou a experiência, objetivando-a até transformá-la pela técnica.

Relph recorre a uma citação de Alfred Schütz para exemplificar a importância do lugar, como sendo mais que um mero conceito, “o lugar onde eu moro não tem significado como um conceito geográfico além de ser meu lar” (SCHÜTZ, p.466 apud RELPH, 1976, p.6, tradução nossa), assim, ele destaca sobre o fato de o lugar ser um fenômeno geográfico presente no “mundo da vida”, manifestado cotidianamente na vida das pessoas, argumento que ele se vale para justificar um estudo sobre o fenômeno, com base na Fenomenologia. Mais adiante, em outro diálogo com Schütz, o geógrafo reitera sua preocupação em admitir o conceito de o “mundo da vida” com base na definição de Schütz, em que o universo de significação deste são estruturas ou quadros de sentido que temos para interpretar e agir (SCHÜTZ, Vol.I, p.133 apud RELPH, 1976, p.12), o que a nosso ver, se relaciona com o que Schütz denominou de “acúmulo de experiências”, às quais recorreremos para direcionar nossas ações baseadas em experiências anteriores, algo que Relph se utilizou, para explicar como o indivíduo reconhece e diferencia os lugares. É em posse desse estoque de conhecimento à mão, que usamos como um código de interpretação da experiência em curso, e para Relph, dos lugares.

O geógrafo canadense discute e apresenta as maneiras que experimentamos os lugares, usando o exemplo da montanha e da praia, ele afirma que, essa experiência é complexa, e passa pelos sentidos da visão, olfato e audição, circunstâncias presentes, experiências passadas e associações, assim apreendemos num mesmo conjunto as impressões que a paisagem e os prédios construídos nos causam (RELPH, 1976, p.17). Após essa explanação, ele exemplifica que para um fazendeiro a extensão de sua propriedade abrange toda a vista do campo, o caminho para o mercado e o entorno.

David Foster Wallace (1962-2008), um brilhante romancista e ensaísta norte-americano, no ensaio intitulado “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, descreve a paisagem, ao “cortar” de carro em alta velocidade uma interestadual “monótona e sem cor” no estado de Illinois. Como “...um estranho efeito *doppler*. Milho, milho, soja, milho, rampa de acesso, milho...” (WALLACE, 1996, p.22). O que ilustra, de maneira suficientemente prática, o conceito de *placelessness*. Mais adiante no

mesmo ensaio, o autor é mais esclarecedor, ao descrever de forma impecável e geográfica a relação das pessoas do meio rural com a terra. (WALLACE, 1996, p.34):

Suspeito que parte dessa coisa de comunidade acanhada daqui tem a ver com o espaço. Os moradores do Meio-Oeste rural vivem cercados de terra desabitada, ilhados num espaço cujo vazio se torna ao mesmo tempo físico e espiritual. Não é só de pessoas que você fica isolado. Você fica alienado do próprio espaço circundante, de certa maneira, porque a terra lá fora é mais um bem que um ambiente. A terra é basicamente uma fábrica. Você mora na mesma fábrica onde trabalha. Passa um tempo enorme com a terra, mas em certo sentido permanece alienado dela. Deve ser difícil sentir qualquer espécie de conexão espiritual romântica com a natureza quando se extrai dela o próprio sustento. (Será que essa linha de pensamento é marxista em algum sentido? Não se considerarmos que tantos fazendeiros de IL ainda são donos de sua terra, acho. Estamos falando de um tipo bem diferente de alienação)

Não sabemos se Wallace conheceu a obra de Relph, apesar de que era um leitor voraz de qualquer espécie de literatura. No entanto, o escritor é perspicaz em descrever detalhadamente esse esvaziamento de sentido, que traduz muito bem na literatura o que Relph elucida na ciência. Talvez isso se deva ao fato de Wallace ter se debruçado, com infinita sensibilidade sobre os problemas da nossa sociedade atual, apresentando em seu romance já considerado um clássico “Graça Infinita”, um espelho da nossa sociedade.

O Habitar é uma dimensão revelada no lugar e desenvolvida por Heidegger como a essência da existência. Relph se fundamenta no filósofo alemão fazendo claras referências à famosa conferência “Construir, Habitar, Pensar” (1951) de Heidegger, na fase considerada por Marandola (2012) como o período em que o filósofo acrescentou a dimensão espacial na sua análise, e desta forma, o lugar recebe um sentido profundamente ontológico, e até sagrado.

Para ter esse caráter existencial, o lugar precisa ser compreendido como um centro de significado, foco de intenções e propósito, além de ser dotado de objetos que também precisem ser interpretados naquele contexto, sendo experienciado interiormente, de uma maneira diferente do externo (RELPH, 1976, p.22).

Para Heidegger, na conferência, de 1951, a definição de habitar, é o sentido de ser-e-estar sobre a Terra, e é o que confere ao homem um traço fundamental da sua existência. Os termos, por vezes confusos, são muito utilizados no meio acadêmico geográfico, e referem-se a “quadratura do habitar”, conceito bastante utilizado por

Relph (1976, p.18; p.31), e que contém a junção de céu, terra, mortais e Deus (deuses), encarados como um traço fundamental do habitar, o que para Relph transforma o espaço em um espaço essencialmente sagrado quando caracteriza essa fusão (RELPH, 1976, p.18). Numa linguagem bastante poética, Heidegger, na conferência supracitada, diz sobre os mortais habitarem à medida em que salvam a terra. Numa evocação ao termo “salvar”, diz que (HEIDEGGER, 1951, p.4.):

Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade: deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. Salvar a terra é mais do que explorá-la ou esgotá-la. Salvar a terra não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra.

Ou seja, o habitar exige um cuidado de si concomitante ao meio, pois, estendemos o nosso ser a nossa volta. O arquiteto e fenomenólogo Juhani Palasmaa (2017, p.7-8) afirma que:

[...] o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental.

Apesar desta importância do lugar como lar e habitação, Relph estendeu ainda mais a noção de lugar, abrangendo toda uma gama de interações e perspectivas, pois, assim como para Heidegger, os espaços recebem sua essência dos lugares (HEIDEGGER, 1951). Para cada indivíduo e sua percepção única, há infinitas possibilidades de estabelecer ligações de afeto e um envolvimento mais íntimo com os lugares, independentemente de serem habitações ou não.

Para a compreensão dos lugares, Relph diz que existe somente um possibilidade de clarificar o lugar, e é tomando-o como um fenômeno multifacetado da experiência humana, abrangendo suas propriedades como localização, paisagem e envolvimento pessoal, desta maneira, o lugar se desvela em sua essência e seus significados (RELPH, 1979, p.29). Relph chega ao ponto de afirmar que as pessoas são o seu lugar e os lugares são as pessoas (1976, p.34), reforçando a intensa ligação e o caráter ontológico desta categoria espacial. Tomado assim, é indissociável a relação entre homem-meio, sugerindo uma aproximação demasiadamente humana com os lugares.

Desta forma, o lugar possui uma experiência única para os sujeitos, e isso não exclui as experiências vividas enquanto membros de uma comunidade, principalmente

quando se considera a intersubjetividade. Porém, Relph expõe de maneira clara e de fácil compreensão, que os lugares de nossa infância são pontos vitais de referência (1976, p.37), tornando-se a experiência para com um lugar uma sensação única baseada em nosso acúmulo de experiência, atitudes e intenções. Mais adiante o autor afirma que ter laços com os lugares é uma necessidade humana (1976, p.38), que dependemos dos lugares para dar sentido e ordenação ao mundo vivido.

No capítulo 4 do livro, Relph, (1976, p.44, tradução nossa) expõe duas razões para tentar entender o fenômeno do lugar:

Primeiro, é interessante por si só como uma expressão fundamental do envolvimento do homem no mundo; e segundo, melhor conhecimento da natureza do lugar pode contribuir para a manutenção e manipulação de lugares existentes e para a criação de novos lugares.

Nesse trecho podemos estruturar melhor a aplicação e a relevância destes estudos sobre os lugares na vida das pessoas, sendo que, como geógrafos e pensadores do espaço, envolvidos com questões concernentes à organização e ao planejamento urbano, muitas vezes temos dificuldade em entender a real necessidade da população. É comum durante o processo de planejamento urbano e criação de políticas públicas, as percepções dos moradores locais serem deixadas em segundo plano, quando não desconsideradas. Durante reuniões e consultas populares sobre a criação de planos diretores, por exemplo, o técnico, imbuído do conhecimento científico e com a intenção genuína de ajudar, imagina grandes obras, propõe, com aparatos técnicos e legais uma mudança radical para uma determinada comunidade. Contudo, o que os moradores demandam em alguns casos é a simples construção de um quebra-molas na rua, para diminuir a velocidade dos veículos que passam no local, ou a reforma de uma quadra de esportes. Isso acontece porque as necessidades só podem ser apontadas por alguém que realmente se conecta e vive em determinado lugar, e que conhece os problemas reais do mesmo, sem a necessidade de uma teorização.

Relph, em artigo de 2012, aponta a preocupação de algumas ONGs e governos locais, que criaram órgãos e instituições para a promoção e criação de lugares, de modo a conter a expansão dos lugares-sem-lugaridade (*Placelessness*) nos EUA e na Inglaterra (RELPH, 2012, p.26). E afirma que planejadores e arquitetos tem que aguçar a sua sensibilidade e facilitar a criação dos lugares, pois, somente os

moradores são capazes de cria-lo, devido a vivência e as condições experimentadas por quem vive ali (RELPH, 2012, p.26). O autor dialoga no artigo com autores marxistas, que criticam a abordagem fenomenológica e sua obsessão com o lugar. E justifica que esses estudos também fazem frente ao processo neoliberal de homogeneização dos lugares, assinalando que: “estudar e promover lugar, seja de uma perspectiva humanista radical, seja de uma perspectiva arquitetônica ou psicológica, é uma prática de resistência” (RELPH, 2012, p.21).

A teoria de Relph serve como uma importante ferramenta de análise para entender o avanço dos lugares-sem-lugaridade, que pululam em nossas cidades, tornando-as cada vez mais homogêneas e vazias de sentido, criando um afastamento do ser com o meio, e desintegrando a relação telúrica do homem com a terra. Desse modo, essa compreensão, pode servir para planejadores urbanos e geógrafos avançarem na criação de lugares que sejam úteis e habitáveis ao mesmo tempo, levando em consideração que o espaço não é uma unidade desumanizada ou coordenada por forças exteriores; e que as pessoas que vivem e habitam os lugares o significam de maneiras diversas, o que, muitas vezes, escapa aos olhos do pesquisador. Cabe, então, ao técnico/cientista entender os usos e signos dispostos no espaço, para entender essa relação, tão negligenciada nas ciências humanas, em geral, e que, atualmente, vem ganhando cada vez mais interesse. Assim, para Relph (1976, p.142, tradução nossa), um autêntico senso de lugar:

Envolve uma tentativa deliberada de apreciar plenamente o significado de lugares sem a adoção de convenções e modas intelectuais ou sociais limitadas. Esta é a experiência de um forasteiro sensível e de mente aberta que procura compreender os lugares e o que significam para aqueles que o habitam e para si mesmo.

#### **2.4- Yi-Fu Tuan e a Topofilifa**

Em Topofilia, Yi-Fu Tuan traz reflexões profundas sobre nossa percepção do ambiente e as ligações afetivas que possuímos com ele. Tuan possui uma formação ampla, e o livro é uma busca de alternativas diante das pesquisas behavioristas e funcionalistas, que levaram muitos geógrafos ao descontentamento com os rumos desta ciência na época (MARANDOLA, 2012). O livro é um ponto de convergência

interessante entre vários caminhos (métodos) e disciplinas, a Fenomenologia, entretanto, parece ser central. Marandola ressalta que Tuan, “aproximou religião (...), arte e filosofia, especialmente o existencialismo de Heidegger e Sartre, em busca de um outro olhar sobre o homem no mundo”. (2012, p.8).

O desenvolvimento do conceito de lugar na Geografia é uma consequência dos estudos deste geógrafo, que considerava o homem como parte constitutiva da natureza. Apesar da novidade da abordagem, Marandola ressalta no prefácio do livro, sobre as dificuldades neste tipo de pesquisa, e que até hoje permanecemos na “visão funcionalista Homem-Terra que prioriza o ter ao ser” (2012, p.10). O autor ressalta que os geógrafos tem dificuldades em aceitar abordagens mais abertas, o que a nosso ver demonstra o caráter e a herança materialista da ciência geográfica.

Topofilia segundo a definição do próprio autor “é o elo afetivo entre a pessoa e lugar ou o ambiente físico.” (1974, p.19). Esse pensamento revela a intenção do autor em não dicotomizar a ciência geográfica em física, de um lado, e humana, de outro. Na sua própria definição de Geografia, como, “o estudo da terra como o lar das pessoas” (TUAN, 1991, p.89), torna indissociável o espaço sem o seu caráter ontológico e humano, ou seja, o centro de atenção é o ambiente físico, afinal, ele é o cerne da experiência, porém, os estudos tem como prioridade, ou intenção, os seres humanos que o percebem.

Essa percepção parte do indivíduo “corporificado”, um termo que remete ao filósofo Merleau-Ponty, em que toda a percepção do espaço ou do ambiente perpassa pelos sentidos do corpo. Seguindo essa máxima, o capítulo 2, intitulado “Traços comuns em percepção: os sentidos”, é um compêndio sobre a visão, o tato, a audição e o olfato e como estes influenciam cada indivíduo nessa atividade de perceber o espaço circundante, sendo inclusive necessários para a experimentação de todos os elementos que constituem o espaço.

Yi-Fu Tuan recorre aos autores da psicanálise Freud e Jung para embasar diversos aspectos da psique humana, além de usar constantes exemplos da mitologia e das religiões, citando, inclusive, trechos bíblicos que fazem referência às categorias espaciais da Geografia.

Outro aspecto interessante em Tuan é sua análise de centro e periferia, outro tema comum da Geografia, colocando-o em termos de uma lógica particular do indivíduo. O que diverge bastante do cânone acadêmico orientado pela teoria marxista

em que a lógica de organização espacial é parte da manipulação capitalista em busca de valorização do espaço pelo lucro<sup>3</sup>. Assim, centro e periferia, para o autor, é uma organização espacial particular, portanto: “Em todos os lugares, as pessoas tendem a estruturar o espaço – geográfico e cosmológico – com elas no centro a partir daí, zonas concêntricas (mais ou menos bem definidas) com valores decrescentes” (TUAN, 1974, p.49). Em Espaço e Lugar, (1977, p.51;56), Tuan coloca em evidência a questão da corporeidade, como algo que está entre o sujeito e o mundo, e que através dele nos orientamos e percebemos o mundo a nossa volta, criando a consciência de organizar o espaço com o que está ao lado do nosso corpo, e aponta que: “toda pessoa está no centro do seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema do seu corpo.” (TUAN, 1977, p.56). Desse modo, necessitamos do corpo tanto para nos orientar, apontando os pontos cardeais, quanto para experimentar o espaço através dos sentidos. Estas elucidacões refletem, de maneira bastante lúcida, a perseguição de Tuan pelos “traços comuns, que transcendem as particularidades culturais e, portanto, refletem a condição humana.” (1977, p.13-14).

Em outro trecho, o autor trata da questão do espaço público e privado, destituído do seu sentido político, colocando os dois como condições para a desenvolvimento da vida cotidiana, assim, para Tuan (1974, p.50):

A atração das cidades baseia-se em grande parte na justaposição do aconchegante e grandioso, da escuridão e claridade, do íntimo e do público. Tanto a *mégara* como o *atrium*, conotam escuridão: a casa particular protege os vulneráveis processos fisiológicos da vida, enquanto nos espaços abertos da *ágora* e *fórum* uma pessoa desenvolve o seu potencial de homem livre.

A esse respeito, Palasmaa (1994, p.26) discorre sobre a *persona* privada, e afirma que temos personalidades privadas e sociais, sendo o lar a manifestação da esfera privada, no qual se desenvolve o mundo da intimidade pessoal. É curioso e instigante pensar a esfera privada sem a conotação negativa que geralmente temos na

---

<sup>3</sup> Não se busca aqui uma comparação entre as duas abordagens, atribuindo uma valoração maior de uma em detrimento da outra, mas, apenas apontar uma diferença fundamental entre elas. O marxismo para a compreensão das contradições econômicas da sociedade capitalista e, do outro lado, a fenomenologia, com um enfoque maior sobre o “ser”, a subjetividade e a dimensão existencial. Basta ao interessado/pesquisador definir seu enfoque ou análise, e utilizar o método que lhe aprouver satisfatoriamente as respostas para sua curiosidade e inquietações na compreensão dos fenômenos estudados.

Geografia quando pensamos este espaço como uma propriedade privada. Livia de Oliveira (2014, p.16) coloca a questão nos seguintes termos:

Talvez a mais significativa dimensão do lugar seja a sociofísica, na qual o conceitual e o figurativo se equilibram entre a itinerância e a radiância, pois almejamos a aventura do nômade de conhecer novos lugares, novos mares, novas gentes e, ao mesmo tempo, desejamos um 'lar', onde chegar, estabelecer e acalentar nossos sonhos e fantasias.

Esse lar ao qual se refere Livia de Oliveira, diz respeito ao lugar como "pausa". Em Espaço e Lugar, Yi-Fu Tuan coloca essa pausa no movimento, abarcando em si um sentido elementar de lugar. Pois, se o espaço é amplidão, abertura, e a vivência coletiva na vida pública; o lugar, ao contrário, é o retorno, o aconchego, resguardado ao privado, no sentido de uma esfera de maior intimidade, onde se descansa e se renova.

Na definição do autor, as diferenças entre o espaço (aberto) e o lugar (fechado), encontramos uma certa valoração espacial, um adicionamento de sentido na compreensão desses dois termos, revelando mais seus significados. Nesse sentido, estabelece que: (TUAN, 1977, p.72):

O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço humanizado e fechado é o lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos.

Percebemos assim um traço da natureza dialética humana, que se divide em aventura e refúgio, acomodação e emancipação, compondo no espaço circundante mais uma vez, os atributos humanos, aos quais se refere Dardel.

Em Topofilia, Tuan faz uma exposição minuciosa sobre uma infinidade de povos e suas vivências, percepções em diversos lugares do globo terrestre e suas topofilias. O autor comumente recorre a maneiras e inúmeras formas de se relacionar com o espaço e as infinitas paisagens e os vínculos com a cultura local. Nesses termos, Tuan escreve: "A maioria das pessoas, durante sua vida, faz pouco uso de seus poderes perceptivos. A cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados" (1954, p.337). O geógrafo revela possuir um conhecimento enciclopédico a respeito dos povos e suas respectivas histórias, que vão desde os bosquímanos no *Kalahari*, passando pelos índio *Pueblo*, até os povos

da China antiga; além de uma interessante regressão temporal, recorrendo a exemplos no Egito antigo e os povos mesopotâmicos, demonstrando como, em cada lugar e situação, a acuidade visual, a percepção e as referências terrestres, se transformam seguindo a paisagem, além de ter o mito e seus reflexos no espaço sempre presentes, como plano de fundo que dá ordenamento ao mundo.

Nesse sentido, Yi-Fu Tuan empreende um entendimento do que seja “natureza”, sem se restringir a uma definição única, abrindo a possibilidade de aceitar a mutação do termo ao longo das diferentes épocas. Sua análise permite a (re)significação do termo pelos diferentes grupos humanos, ao contrário de muitos autores geógrafos que buscam fazer valer suas definições através do discurso científico, considerada como correta, ignorando as outras visões que complementarizam a definição e, conseqüentemente, aprofundariam o entendimento. Esta atitude é fenomenológica em certo sentido, na medida em que busca a definição do outro, num claro exercício de alteridade.

Na descrição da cidade de Brasília, o autor se refere como “a cidade ideal moderna”, e se sustenta na posição de que o mito tem uma grande importância, mesmo na sociedade contemporânea. Tuan comenta sobre a visão de São João Bosco, que viu entre os paralelos 15 e 20 uma grande civilização aparecendo em um planalto. O então presidente Juscelino Kubitschek ignorou os custos e orçamentos na busca de sua visão de uma cidade simbólica, que nasce no meio do sertão, domesticando o terreno selvagem do cerrado. Tuan discorre também sobre o desenho da capital produzir um formato de cruz e/ou pássaro, afirmando que na psicologia de Jung, o pássaro é símbolo de salvação e espiritualidade (1974, p.237-238).

Tuan se assenta no princípio de que as cidades aspiram uma ordenação social e espacial (1974, p.221), o que, a nosso ver, se relaciona com a quadratura de Heidegger, esse ordenamento é, para ele, algo que remete a uma maior profundidade, e não a uma imposição racionalista de otimização do espaço por parte de algum grupo ou classe superior que dita as regras, é, antes, uma finalidade de ordem prática, que busca “[...] estabelecer um elo entre o espaço terrestre e a abóbada celeste” (TUAN, 1974, p.236).

O espaço urbano, para Tuan, pode ser experimentado e conhecido como conceito ou de modo íntimo. De um lado, um morador antigo de uma cidade ou um motorista de taxi, e de outro, o geógrafo, que a estuda e a identifica no mapa. Ambos

possuem conhecimentos acerca desta cidade, sendo que os primeiros a conhecem de forma direta e íntima, e o cientista de maneira indireta e conceitual. Contudo, nenhuma dessas duas formas significa uma abrangência maior da essência deste lugar em questão. Há contudo uma maior amplitude no entendimento quando compreendido por todos as facetas. Há inclusive, no seio das ciências humanas, uma tendência a se ater demasiadamente em interpretações da vida humana e social em detrimento de outras. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1945, p.17) observa:

Deve-se compreender a história a partir da ideologia, ou a partir da política, ou a partir da religião, ou então da economia? Deve-se compreender uma doutrina por seu conteúdo manifesto ou pela psicologia do autor e pelos acontecimentos de sua vida? Deve-se compreender de todas as maneiras ao mesmo tempo, tudo tem um sentido, nós reencontramos sob todos os aspectos a mesma estrutura de ser.

O filósofo, nesse caso, se refere a disciplina da história, mas poderíamos tranquilamente transpor para a situação da Geografia, visto que o espaço geográfico, abrigando a totalidade das inúmeras dimensões da vida cotidiana, reúne seus diversos aspectos. Cabe a nós, enquanto pesquisadores e estudiosos, compreender e elencar tudo o que puder ser levantado e apontado para alcançar essa amplitude, e não desconsiderar aspectos que às vezes enquadrados como irrelevantes, como o mito e as religiões, por exemplo.

O geógrafo sino-americano faz uma síntese interessante sobre a Geografia mítica, remontando a Geografia de Dardel, e demonstra como o nascimento das sociedades está arraigado no espaço e em suas mitologias, e mais que simples referências, são inseparáveis. Como exemplo, o autor cita a sensação de estranhamento e fascínio que as montanhas causaram no passado e ainda causam aos seus visitantes. Tuan explica que mesmo com o advento da técnica, das imagens de satélite e das inúmeras ferramentas que a sociedade dispõe, é impossível para um sujeito, conhecer a extensão total de seu país. Conhecemos intimamente o ambiente que nos cerca e que vivemos, como a rua e o bairro, além dos lugares da infância, que segundo os autores da Fenomenologia, produzem uma intensa impressão em todos nós. Porém, os lugares além da nossa convivência diária e a extensão total do país, só podem ser experimentados como imaginação, legando esse sentimento a uma impressão, e, em certo sentido, mitológica, a partir da premissa de que é

imaginada e não vivida. Entretanto, essa imaginação faz-se necessária para a compreensão do que seja a totalidade de um território.

Tuan comenta que, embora os geógrafos hoje coloquem em questionamento a ideia de que exista uma ligação entre a personalidade de uma pessoa e o lugar de origem - o que caracterizaria determinismo geográfico -, na sabedoria popular ainda é bem aceito e difundido esse fato. Um exemplo é a divisão que se faz em praticamente qualquer país entre Norte-Sul (TUAN, 1977, p.124). Claro que a realidade hoje demonstra que nativos podem ser duramente cruéis com os imigrantes, e a xenofobia tem sido um problema social de proporções enormes na Europa e, mais recentemente, também no Brasil. Contudo, Tuan se refere à noção que um povo tem da totalidade do território de seu país, encarado como uma mistura de fato e fantasia, e de certa maneira idealizada ou imaginada, e que isso tem reflexos na relação entre as pessoas de determinada origem, ao contrastar e comparar com outras pessoas, de outras origens.

A arquitetura e o espaço construído parecem ser outro foco de análise do Geógrafo em uma reflexão sobre a cidade, Tuan escreve: “A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis, Mais ainda, a própria cidade é um símbolo” (TUAN, 1977, p.211). Assim, ao assumir uma posição que não considera o espaço construído como “segunda natureza”, o autor o eleva a um patamar sublime. E considera que as construções expressam nosso modo de viver; as catedrais na idade média e os arranha céus na modernidade são assim, textos a serem lidos ou símbolos de poder ou de referência. Para Tuan, “O espaço arquitetônico continua a articular a ordem social” (1977, p.144), e a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem, que aperfeiçoa a sensibilidade, amplia e aguça a consciência. “Sem arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes” (TUAN, 1977, p.133). Assim, o espaço construído dá um sentido, e de certa forma, o humaniza, ao transformá-lo em um lugar, Dardel diz que a função das estradas é dar sentido, numa dupla acepção do termo (DARDEL, 1952, p.29).

Por fim, terminamos essa parte dedicada ao geógrafo Yi-Fu Tuan, e afirmamos sobre a importância deste pensador para o avanço da Geografia da percepção orientada pela Fenomenologia. O autor, no epílogo do livro Espaço e Lugar, escreveu que: “como seres sociais e cientistas, cada um de nós apresenta imagens truncadas de pessoas de seu mundo. As experiências são negligenciadas ou ignoradas porque

faltam os meios para articulá-las ou destaca-las.” (TUAN, 1977, p.245). Podemos, assim, apontar o ímpeto de Tuan, em perseguir o significado de “estar no mundo”, ao criar as bases e as possibilidades para uma abordagem deste tema na Geografia e, nesse sentido, abarcar o significado ontológico do espaço, ampliando a compreensão do lugar como sendo mais abrangente do que a mera localização e os levantamentos de campo. Desta maneira, ele oferece uma abertura maior para uma abordagem geográfica alicerçada na Fenomenologia.

## **2.5- Topofilia, Geograficidade, *Place and Placelessness*, a questão do lugar como conceito chave da Geografia fenomenológica**

É comum nos cursos e na compreensão da Geografia enquanto ciência, nos atermos demasiado em termos e conceitos, se perdendo assim, nas extensas e controversas definições gerais e específicas de cada um. Procedendo desta forma, corremos o risco de dar mais importância ao termo em si do que ao seu potencial de explicação da realidade. Dependendo da sua utilização, espaço, paisagem, região, território e lugar podem ter intercessões e, no entanto, se referirem ao mesmo fenômeno nas suas múltiplas interpretações e interpenetrações. Como reflete o Professor Eduardo Marandola Jr., em uma palestra na UFVJM<sup>4</sup> sobre os conceitos da Geografia, dizendo que são todos eles essências, que expressam o modo de ser geográfico, logo, o modo de ser do mundo.

Heidegger, em sua recusa na objetificação do ser, aplicou-a também na compreensão do lugar (SARAMAGO, 2012 p.198), e, desse modo, o lugar se apresenta como constituinte do ser em sua geograficidade, tornando fundamental, a análise que toma o homem ao considerar sua relação intrínseca com o mundo circundante.

Apesar de imprescindíveis, a formalidade dos conceitos podem servir para se afastar da essência dos fenômenos estudados, Nesse sentido, Dardel nos fala sobre a nossa razão impaciente, e que devemos flexibilizar o nosso entendimento (1952, p.23). Tuan, por sua vez, faz uma crítica as ciências sociais como um todo, e escreve que, às vezes, não dispomos de conceitos sofisticados o suficiente para enquadrar os

---

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1QkfCMwNaB8>>

problemas cruciais, e que, em alguns casos, “(...) os meios utilizados para atingir os resultados geralmente são mais impressionantes que os próprios resultados.” (1974, p.18). Desta maneira, os conceitos servem como um aproximação do real, apresentando-se como modelos, e como tais, sempre possuem limitações no que concerne a explicação do que seria a verdade. Ligia Saramago, em artigo sobre o pensamento do lugar em Heidegger, escreve que: “(...) a origem da noção de lugar encontra-se no seio da vida concreta, cotidiana, e não em qualquer entendimento teórico do que este venha a ser” (SARAMAGO, 2014, p.204). Evidentemente que não são reflexões direcionadas contra o pensamento científico, mas, antes, uma defesa deste; e, advindos do pensamento fenomenológico, refletem sua preposição básica, ao considerar o que tem de mais elementar, o “mundo da vida”.

Na geografia fenomenológica, parece ser consensual a preferência ao conceito espacial de “lugar”. E um dos livros base deste trabalho, é o livro de organização do Professor Eduardo Marandola Jr., Qual o espaço do lugar?, que no próprio título provoca um questionamento sobre a utilização dos dois conceitos mais utilizados atualmente em Geografia. Nele, o organizador/autor discorre que: “O livro realiza um interessante jogo escalar até chegar ao particular, o lugar. Este é retratado como singularidade, mas, ao mesmo tempo, universalidade.” (2012, p. 1). No mesmo livro, em outro artigo, a autora Lívia de Oliveira, por sua vez, discorre sobre a casa, o bairro, a cidade ou até a pátria, os quais, de certo modo, também podem ser considerados lugares (2012, p.4). O lugar, nessa perspectiva, se apresentaria como sendo uma categoria espacial sem escala definida, ou que parece transcender a escala. Mais adiante, a autora reflete à luz dos ensinamentos de Tuan (1977), falando sobre os sentimentos e emoções que desenvolvemos pelos lugares, enquanto objetos de nossa vivência diária, traduzindo de forma clara, a significação do termo cunhado pelo geógrafo de “topofilia”.

Outro autor, mais conhecido por sua análise do espaço e que reflete sobre essa universalidade do conceito de lugar, é o célebre geógrafo Milton Santos, que em sua obra “A Natureza do Espaço”, recupera, luminosamente, uma fala do escritor russo Tolstói (1828-1910), ao afirmar que “para ser universal, basta falar de sua aldeia” (SANTOS, 1996, p.212). Assim, todo ser humano possui uma origem, sendo capaz de se identificar com este lugar genético, o que é algo comum a todos os membros da espécie humana. E esta é uma das particularidades potenciais do conceito em

questão, tendo em vista o vislumbre da Fenomenologia em alcançar esse “traço comum” a todos os seres humanos, do qual fala Yi-Fu Tuan.

Relph (1978, p.3-4) alerta que o lugar é um conceito evocado cotidianamente pelos indivíduos ordinários, em seus diversos afazeres e modos de ser. Desta maneira, cria-se uma mixórdia de significações e usos da palavra, que o autor parece resolver quando diz que: “Conhecimento de lugar é um simples fato da experiência” (LUKERMAN, 1964, p168 apud RELPH, 1978, p.4, tradução nossa). Assim, temos que, apesar de todo o esforço de teorização do conceito de lugar, o mesmo se apresenta como parte do nosso cotidiano e rotina diários, o que, para um indivíduo, não é nada mais que uma forma de organizar o espaço circundante, em termos de localização e distância.

No entanto, não é incomum vermos uma pessoa, diante de um ambiente estranho, mostrar certo desconforto, de que se “está sem lugar”, seja por encontrar-se em um espaço considerado inapropriado, ou simplesmente, numa situação embaraçosa ou constrangedora. Tal expressão, reveladora de certo desencaixe para com o lugar (e seu ambiente), revela-nos a importância desse conceito na subjetividade humana. Estar sem lugar é um vazio, e explica um sentimento que tem uma conotação negativa. Lugar é memória (tempo), é aconchego e segurança (habitação), é a ligação/relação do homem com a terra (geograficidade), ordenamento do mundo (ser-e-estar-no-mundo), origem e encontro (topofilia). Está intimamente ligado a existência, a organização/abertura do/para/no mundo, o ser lançado na mundaneidade. Marandola (2014, p.230).

Os autores da Geografia fenomenológica, Dardel (1952), Relph (1976) e Tuan (1974; 1977), argumentam que a Geografia tem sua base na existência, e pode também ser caracterizada como a base de toda a existência. Descrevem a relação ontológica entre homem e terra, ou em outras palavras, homem e natureza, no que se constitui como o cerne da investigação geográfica científica. Relph (1976, p.4) comentando Dardel, acrescenta que esta relação existe antes de qualquer procedimento ou verdade apodítica científica, e que a Geografia é, inicialmente, uma profunda e imediata experiência de mundo, que é preenchida de significado e que os fundamentos do conhecimento geográfico são a experiência e consciência direta que temos do mundo em que vivemos. Dardel sustenta que, “ela [a Geografia] se realiza na intimidade” (1952, p.93). Ou seja, a Geografia é também uma vivência.

Relph se voltou para a questão do lugar, guiado por uma vontade de compreender a Geografia à partir da ontologia, fundamentando seu estudo *Place and Placelessness* nas bases da Fenomenologia como tradição filosófica, nas palavras do autor (1976, prefácio, tradução nossa):

Uma tradição filosófica que toma como ponto de partida os fenômenos do “mundo da vida” e as experiências imediatas, e depois procura esclarecê-los de maneira rigorosa por observação e descrição cuidadosas.

Sendo assim, o ponto de partida da análise fenomenológica são as ações no cotidiano e a percepção dos lugares nos deslocamentos diários de um indivíduo no espaço. Dito de outra forma, a Fenomenologia se apoia na máxima em não fazer interpretações que não tenham nada a ver com as experiências ordinárias das pessoas. Esse pensamento se reflete nas ideias de Alfred Schütz em sua análise da sociedade.

Em geral, diferenciamos os lugares uns dos outros numa atitude natural, sem exigir uma reflexão aprofundada. Apesar disso, Tuan (1977, p.34), afirma que “a ideia de lugar da criança torna-se mais específica e geográfica a medida que ela cresce”, afirmando que as crianças menores não distinguem bem os lugares uns dos outros, na mesma medida em que não são capazes de atribuir significado à eles. Esta tarefa, aparentemente simples, guarda em si uma operação mental extremamente complexa.

Tuan (1977, p.44) indica que um estudo sobre a percepção dos lugares em crianças demonstra que as crianças mais velhas produzem uma descrição sobre os lugares, com a atenção mais aguçada que as mais novas, e se atem a detalhes que são ignorados pelas outras. O que implica em dizer que, a atitude da percepção, muitas vezes ignorada, merece uma atenção maior por parte dos nossos estudos. O que compreende a diversidade de interações de nossas próprias vidas e existência no e para com o espaço, portanto, sob um sentido qualitativo-vivencial de sujeitos e suas atividades/experiências nos lugares e nas paisagens.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fenomenologia tem se mostrado como um método importante de análise, pondo-se no encaço do que é humano em sua essência, de modo a apreender de forma mais sensível as questões humanas, tornando possível afirmar que, há ainda, diversas vertentes e variadas abordagens dentro dela, e que sua aplicação abrange diversos campos de saber. Apesar disso, seus críticos apontam para o fato de ser justamente uma boa ferramenta de análise, não de transformação social, como é comum nas correntes de orientação marxista. Lima critica o fato de o 'sujeito' abordado pela Fenomenologia se constituir por um indivíduo isolado e abstrato, sem paridade com a comunidade e a classe social (LIMA, 2014, p.207). O mesmo autor, no livro *Encruzilhadas Geográficas*, dirige duras críticas à Fenomenologia e aos seus adeptos dentro da ciência geográfica, nominando os propulsores dessa corrente de 'reacionários' e 'conservadores' (LIMA, 2014, p.214-215), formulando o que seria um caráter anistórico e introspectivo da Fenomenologia como uma corrente teórica avessa aos problemas sociais.

Vicenzo Costa, estudioso de Heidegger e Husserl, escreve que críticos como Rudolf Carnap e Theodor Adorno, entre outros, apontaram fragilidades nos pressupostos da Fenomenologia (COSTA, 2013, p.169-170), que é, por esses, encarada como excessivamente metafísica, algumas vezes pragmática e que os escritos de Heidegger escondem um idealismo velado. Com isso, concluímos que, apesar de o foco do trabalho não ser este, as críticas são importantes e indispensáveis quando dirigidas a uma teoria específica, para que, assim, possam ser retiradas as arestas e melhorar sua aplicabilidade e um melhor entendimento dos seus conceitos.

Assim, neste trabalho, tentamos não se restringir ao pensamento de um único autor; o plano de fundo foi o contato da Fenomenologia com o pensamento geográfico, buscando-se expor os principais conceitos e o que consideramos serem os principais autores. Procedendo assim, assumimos o risco de sermos generalistas demais, contudo, a profundidade cedeu lugar a amplitude, e assim apresentamos o que a nosso ver serve como um apanhado geral da Fenomenologia na Geografia e suas aplicações.

Como essa corrente de pensamento é relativamente recente na ciência geográfica, conquanto em movimento ascensional, ainda há muitos debates, estudos e discussões a serem produzidos no âmbito da epistemologia. Todavia, o leitor não deve se restringir a somente os autores citados no texto, e frisamos o fato de haver outros pensadores que discutem e aprofundam o tema.

A Geografia da atualidade, a nosso ver, não precisa mais se fundar nos insumos cartográficos, de ter de buscar o fervor localista dos acidentes artificiais e naturais, remontando a sua definição mais clássica. Hoje, qualquer indivíduo, com um *smartphone* em mãos, se orienta com o uso ou não das coordenadas geográficas em qualquer direção, se localiza em qualquer ponto do planeta, e certamente encontra a melhor rota para se dirigir a praticamente qualquer lugar. Entretanto, apesar dos avanços científicos na cartografia e a popularização de tecnologias militares (GPS), a Geografia não perde sua importância, pois não diz somente sobre a localização das pessoas e dos lugares.

Esse encontro da Fenomenologia com a ciência geográfica pode ser fecundo para ambos; para a Geografia por incluir elementos na sua análise que enriquecem muito seu 'material' científico, valorizando a fluência cotidiana de experiências e sentimentos nas formas de uso e configuração do espaço, pondo em relevo, assim, as interferências da cultura e a formação de identidades socioespaciais; para a Fenomenologia, por abrir mais uma possibilidade de abordagem existencial considerando o homem em sua relação com o meio.

Destarte, a Geografia não pode nesse processo perder o que consideramos sua essência; esse peculiar entusiasmo pela busca do desconhecido, que sempre impulsionou os geógrafos ao longo das décadas e séculos pregressos. Lembremos do que escreveu Dardel (1952), se referindo a etimologia da palavra Geografia e da Terra como um texto a ser lido e decifrado (1952, p.2), e ao geógrafo como “o navegante vigiando as terras novas” ou o “explorador na mata” (1952, p.7).

Ao buscar a compreensão da realidade, a Fenomenologia tem uma certa magnanimidade, uma condescendência, pois, ao se atingir a essência do ente, ainda não está garantido o desvelamento completo do fenômeno. Nunca se alcança todas as faces do que se apreende, o fenomenologista deve saber disso; o fenômeno nunca se esgota, até porque o caráter da mutabilidade do ser não permite uma apreensão única, pois o ser não é uma estrutura fixa, atemporal, mas é fundamentalmente

marcado pelo devir, portanto não se deve fixar os limites do objeto, mas compreendê-lo e descrever o que os entes revelam. (SANTOS, 2013, p.78)

Assim, ressaltamos para a importância de se criar condições para o avanço desta escola de pensamento no âmbito da Geografia, e esperamos que este trabalho tenha servido como uma contribuição àqueles interessados na abordagem fenomenológica nesta ciência. Se isso se realizou, teremos alcançado nosso objetivo. Porém, é importante ressaltar que um caminho muito longo ainda precisa ser percorrido, e que outras pesquisas teóricas e práticas devem ser realizadas para elucidar a questão do espaço, esse muitas vezes abordado como uma categoria esvaziada de sentido, dos sujeitos e das relações humanas, portanto esvaziado da vida.

Desta maneira, podemos afirmar que a Fenomenologia tenta incorporar os seres humanos como foco principal na sua análise, e para concluir, pedimos uma licença poética para parafrasear Nietzsche e afirmar que o lugar é “humano, demasiado humano”.

## BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

AMORIM FILHO, O. B. **A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 11 (21 e 22): 67-87, jan/dez.1999.

BESSE, J.-M. **Geografia e Existência: A Partir da Obra de Eric Dardel**. In: DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer). - São Paulo: Perspectiva, 2011.

CALÇAVARA, R. A. **O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física–geografia humana: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger**. 2013. 153 f. Tese. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES. 2013.

CARVALHO, J. M. DE. **Percurso fenomenológico**. Estudos filosóficos, v. 10, p. 1–15, 2013.

CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. - 2. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010. - (Série Compreender)

CASTRO, F.F. DE. **A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz**. Ciências Sociais Unisinos, v. 48, p. 52-60, 2012

CERTEAU, M. DE. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer / Michel de Certeau; 20. ed. (trad. de Ephraim Ferreira Alves)**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, V. **Heidegger**. Tradução de Yvone Maria de Campo Teixeira da Silva. – São Paulo: Ideias & Letras, 2015. Série Pensamento Dinâmico.

COUTINHO, B. T. **Um estudo sobre a ontologia do espaço na obra de Martin Heidegger**. GeoTextos, v. 8, p. 189–206, 2012.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer). - São Paulo: Perspectiva, 2011.

FIGUEIREDO, L. CLAUDIO. **Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar)**. Sociol, v. 7, n. 1–2, p. 139–149, 1995.

FRANCO, R. F.; STRALEN, C. J. VAN. **O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade**. Psicologia em Revista, v. 18, n. 3, p. 402–419, 2012.

FRANK, D. **Heidegger e o problema do espaço**. (trad. de João Paz). Lisboa: Piaget, 1997.

HAN, B.-C. **Sociedade do Cansaço**. (trad. de Enio Paulo Giachini) - Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora Vozes, 2012

\_\_\_\_\_. **ONTOLOGIA: (Hermenêutica da Faticidade)**. Tradução de Renato Kirchner. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 - (Coleção Textos Filosóficos)

\_\_\_\_\_. **Construir, habitar, pensar**. In: Ensaios e conferências. Tradução Emanuel C. Leão. - Petrópolis: Vozes, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Marcas do Caminho**. Tradução de Enio Paulo Gianchini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos)

\_\_\_\_\_. **A época das imagens de mundo**. Tradução de Claudia Drucker. Disponível em: < <http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/Heidegger-A-Época-das-Imagens-de-Mundo.pdf>>. Acesso em: 05 de novembro de 2018

HOLZER, W. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** TERRITÓRIO, n. 3, p. 77–85, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sobre territórios e lugaridades.** *Cidades*, v. 10, n. 17, p. 19–29, 2013.

JASPERS, K. **Introdução ao pensamento filosófico.** Tradução de Leônidas Hegenberg, 13.Ed – São Paulo: Cultrix, 2005.

LIMA, E. L. DE. **Encruzilhadas geográficas: notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica** – 1.Ed. – Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

\_\_\_\_\_. **O sujeito entre múltiplas geografias e a geografia geral.** Disponível em: < <http://www.ufjf.br/nugea/files/2014/01/O-Sujeito-entre-múltiplas-Geografias-e-a-Geografia-Geral.pdf>> Acesso em: 23 de outubro de 2018

MARANDOLA JR., E. (Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia** – São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia.** In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2, 2009, São Paulo. Anais. Disponível em:< <http://enhpgee.files.wordpress.com/2009/10/eduardo-marandola.pdf> >.

\_\_\_\_\_. **Heidegger e o Pensamento Fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência.** *Geografia*, Rio Claro, v. 37, n. 1, p.81-94, jan./fev. 2012.

\_\_\_\_\_. **Identidade e Autenticidade dos Lugares: O pensamento de Heidegger em Place and Placenessless, de Edward Relph.** Trabalho apresentado no Espaço de Socialização de Coletivos “Perspectivas fenomenológicas da geosofia”, durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, Julho 2010.

MARANDOLA, E.; GRATÃO, L. H. B. **Do Sonho à Memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil.** *Geografia - Londrina*, v. 12, n. 2, p. 5–19, 2003.

MARTINS, É. R. **Geografia E Ontologia: O Fundamento Geográfico Do Ser.** *GEOUSP - Espaço e Tempo*, n. 21, p. 33–51, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. - 4. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. - (Biblioteca do Pensamento Moderno)

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação**. São Paulo: Contexto, 2009.

NASCIMENTO, T. F. DO; COSTA, B. P. DA. **Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões**. Geografia, Ensino & Pesquisa, v. 20, n. 3, p. 43–50, 2016.

NOGUEIRA, M. L. M. **Subjetividade E Materialidade: Cidade, Espaço E Trabalho**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, n. 1, p. 69–86, 2009.

PALASMAA, J. **Habitar**. Tradução e revisão técnica Alexandre Salvaterra . – São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. DE. **Geografia fenomenológica: espaço e percepção**. Caminhos de Geografia, v. 11, n. 35, p. 173–178, 2010.

POPPER, K. R. **Em busca de um mundo melhor**. 1. ed. - São Paulo, SP: Martins Editora, 2006.

PORTO-GONÇALVES. C.W. **A geografia está em crise, Viva a geografia!**. Boletim paulista de geografia v. 5, p.5-29. 1978.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RICOEUR, P. **Na escola da fenomenologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Textos Filosóficos)

SANTOS, J. S. DOS. **A hermenêutica da facticidade no pensamento heideggeriano**. Filosofando: Revista de Filosofia da UESB, v. 1, n.1 p.73-82, 2013.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar / Milton Santos**. 1. ed., 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Tradução de Ângela Melin. - Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SEAMON, D.; SOWERS, J. **Place and Placelessness, Edward Relph**. This commentary is published as a chapter in Key Texts in Human Geography, P. Hubbard, R. Kitchen, & G. Vallentine, eds., London: Sage, 2008, pp. 43-51

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

STEIN, E. **Seis Estudos sobre Ser e Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

STRATHERN, P. **Heidegger em 90 minutos**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2013.

WALLACE, D. F. **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo**. trad. de Daniel Galera e Daniel Pellizzari - São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Graça Infinita**. Tradução de Caetano Galindo – São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.